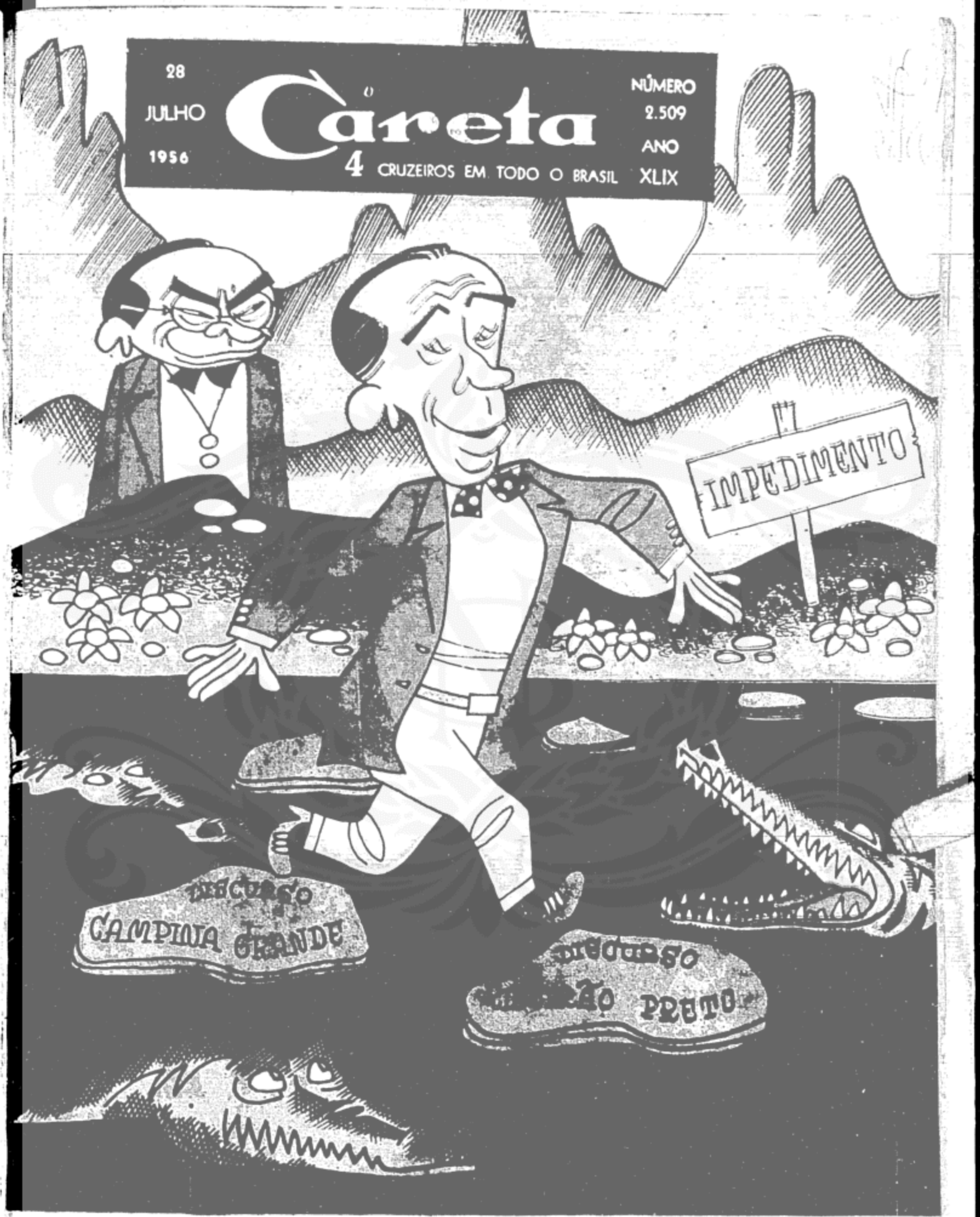
28 JULHO 1956

O Careta

4 CRUZEIROS EM TODO O BRASIL

NÚMERO 2.509 ANO XLIX



Café — Por muito menos eu caí na lagôa !..

Atinja a meta!

Com a

Agua Tônica de Quinino Brahma

você sentirá notável bem estar...
e um típico sabor aperitivo de seu agrado!

Na gostosa Agua Tônica de Quinino Brahma, você encontra tudo que lhe agrada verdadeiramente! Tem um sabor diferente que satisfaz de fato o paladar masculino! Dá uma reconfortante sensação de bem estar! E é muito mais refrescante! Repita à vontade o prazer incomparável que só a Agua Tônica de Quinino Brahma pode proporcionar!

gelada ou não, com gin ou com limão é deliciosissima

PRODUTO DA CIA CERVEJARIA BRAHMA

605 - Ellmann

JORGE SCHMIDT
Fundador

Careta

ROBERTO SCHMIDT
Diretor responsável

GERÊNCIA,
REDAÇÃO E OFICINAS
RUA FREI CANECA, 383
END. TEL. KOSMOS
Rio de Janeiro
TELEFÔNIO 32-3721

Este número contém 44 páginas

LOOPING the LOOP

CONSUMMATUM EST

DEPOIS de muito tergiversar, o sr. J. K., não encontrando um "holandês" que lhe fizesse a vez e por êle sancionasse o último decreto de aumento do salário mínimo, acabou por fazê-lo estratègicamente, num sábado, às vésperas de ausentar-se do país.

Temos, portanto, aí, mais um mergulho no lodaçal da inflação, cujos malignos resultados ninguém perde por esperar. Claro está que depois do mais recente aumento de sôldo, concedido às fôrças armadas, e em seguida o de vencimentos, ao funcionalismo público, o aumento do salário do trabalhador na indústria e no comércio teria que vir, como resultante daqueles e do encarecimento que provocaram no custo da subsistência. Sucede, entretanto, que em conseqüência do novo nível de salário mínimo, o custo da vida, que já subiu por antecipação, vai subir, em conseqüência, nova e desbragadamente. E daí ninguém se admire quando legislativo, classes armadas e burocracia civil fizerem novas exigências monetárias, posto que tal são favas contadas.

Passando de dois mil e quatrocentos para três mil e oitocentos cruzeiros mensais o salário mínimo, esta revista, não obstante haver aumentado em Abril p. p. o preço de venda avulsa de três para quatro cruzeiros, terá que tornar a aumentá-lo, a menos que consiga dos seus anunciantes, que também enfrentam as mesmas dificuldades, melhoria da propaganda. E' nesse sentido que vamos trabalhar, afim de que não nos vejamos forçados a nova majoração do preço de capa.

Poder-se-á alegar que as publicações mais caras do que a nossa são revistas de luxo, impressas em policromias. Sim, mas a situação de "Careta" é diferente. Tendo sempre pautado sua linha de conduta dentro dos mais estritos princípios de honestidade e decência, não pôde nem pode acompanhar aquelas que se venderam aos abandalhados govêrnos dêste país.

Como é do domínio público, existem atualmente registrados, só na Alfândega do Rio de Janeiro (a lista nos foi mostrada na Seção de Isenção de Impostos do Papel de Linhas de Água) 574 (quinhentos e setenta e quatro) jornais e revistas !!! A mór parte dêsses jornais e revistas, sob gastar papel com linhas de água, ainda vive de subvenções concedidas pelo Govêrno Federal, pela Prefeitura do Distrito Federal, pelo SESI, por ministérios e autarquias. Além disso, grande número dêles está hipotecado ao Banco do Brasil, por astronômicos empréstimos de favor levantados ali. Segundo é voz corrente, certo consórcio jornalístico, proprietário de numerosos jornais, revistas, estações de rádio e até de televisão, deve muito mais de quinhentos milhões de cruzeiros aos bancos oficiais.

Emprêsas jornalísticas existem que, não obstante seus poucos anos de existência, já devem mais de cem milhões de cruzeiros — cada uma — às vacas leiteiras que são o Banco do Brasil e o da Prefeitura, sem falar nas Caixas Econômicas e Institutos de Previdência Social.

Há mais, entretanto. Grande número dêsses jornais e revistas foi criado por emprêsas editoras afim de coonestar a importação de material gráfico para suas oficinas de obras comerciais, chegando-lhes papel, cobre e zinco para clichés, arame para grampeação, carvões para lâmpadas de arco voltáico, metais para linotipia, material fotográfico, drogas etc. a câmbio reduzido.

Constitui, sabe-se, verdadeiro Panamá o que custa aos cofres públicos a mais numerosa imprensa que existe nas cinco partes do Mundo !

— Então é a única testemunha ocular do conflito ?!
— Sim, senhor. E só do ôlho direito...

LOOP'NG THE LOOP

Há mais jornais e revistas no Brasil do que generais no Exército !...

Eis explicados os motivos por que uma revista, que deveria custar um cruzeiro apenas, afim de que todo mundo pudesse adquiri-la, não pode, diante da pouca-vergonha que impera no setor do jornalismo do país, ser vendida por menos de quatro ou cinco.

E' preciso notar que nos estamos referindo principalmente à imprensa ilustrada, à hebdomadária, posto que a diária está menos sujeita a êsse percalço. Tal é devido ao fato de que não houve, nos últimos trinta anos, grande progresso técnico na impressão de jornais, ao passo que, no das revistas, foi êle considerável. Sem as liberalidades governamentais esses novos processos, caríssimos e anti-econômicos, não teriam sido importados para as revistas nacionais.

E' que, por custarem caríssimos e serem de manipulação onerosíssima, não deixam margem a qualquer lucro. Muito pelo contrário. A prova cabal de que isso é verdade nô-la dá os devedores, com as sucessivas reformas dos títulos relativos à amortização e até aos juros do dinheiro sacado no Banco do Brasil por ordem dos miseráveis govêrnos dêste país.

Esses empréstimos foram notòriamente levantados de má-fé, com a preconcebida intenção, por parte dos devedores, de os não pagar.

Portanto, quando uma laranjada custa três cruzeiros e a engraxadela de sapatos cinco e seis; quando o registro postal de uma simples revista custa cinco cruzeiros e vinte centavos (sob porte simples o furto é colossal !) e o salário mínimo de um rapazola vai para três mil e oitocentos cruzeiros mensais, é coisa humanamente impossível editar revista honesta, digna, limpa por três ou mesmo quatro cruzeiros.

Pois diante de tôda essa calamidade que nos aflige, e aquela que ainda vai desabar-nos em cima, porque os gangsters que nos dominam perderam completamente a cerimônia e a vergonha, ainda há quem tenha dúvidas quanto ao trágico final que tudo isso terá !...

Bob.

O Novel

— V. S. dá-me licença ?
— Faça favor de entrar ! Que deseja ?
— Queria falar com o ilustre empresário Serafim Pimenta !
— Sou eu próprio. E você é...
— Sou o novo autor Manuel Belizário e trago-lhe um grande negócio !
— Queira dizer !
— Tenho uma idéia para uma revista nova, revolucionária e que está destinada a êxito garantido !
— Então não é revista — é feira popular !
— Não senhor, é uma revista ! Olhe, o primeiro quadro passa-se no interior de um estômago humano !
— O quê ?

Autor

— Explico melhor, porque os senhores estão habituados ao mesmo ramerrão, e quando aparece alguma coisa de original ficam desnorteados ! Quero dizer que o cenário do primeiro quadro representa o interior de um estômago !

— Muito bem ! E depois ?

— Depois entra o côro de abertura: — o aperitivo ! Gosta?

— Se fôr vermute gosto !

— E a seguir entra uma rábula colossal: — a sopa !

— Gosto !

— E' um ator muito engraçado que fala de vários assuntos de oportunidade e no fim diz sempre — sopa ! Muito original, não acha ?

— Muito ! Mas prefiro canja !

— Lá está o senhor a querer alterar-me a revista !

— Diga o resto, faça favor !

— Entra a seguir a grande fantasia: — "Amêijoas à espanhola" !!!

—Bôa idéia !

— Cantam, dançam, tocam castanholas e vão-se embora !

—Para os intestinos ?

— Não, que idéia ! Para os camarins ! E segue-se então um dueto popular muito curioso !

— O que é ?

— O bife e a cebolada ! Que tal ?

— Sabe... Só provando...

— E o quadro acaba com uma "trouvaille" colossal, que vai deixar os autores antigos todos de cara à banda !

— Sim ? Então que é ?

— Entra o bicarbonato de sódio e fecha o quadro com um recitativo !

— Isso é que é bom ! E então se fôr um recitativo patriótico, acho que se torna melhor ainda !

— Não, não ! O recitativo patriótico é na altura do café, que é do Paraná !

— Bem achado ! E o senhor tem a revista pronta ?

—Tenho, mas só na cabeça !

— E quando poderá dá-la já escrita para começar a ensaiar ?

— Daqui a uns três anos !

— Três anos ? Mas então por que ?

— E' que eu sou quase analfabeto, e só há poucos dias foi que comecei a freqüentar a escola noturna !...

— ✧ —

AS MAIS CURIOSAS NOTÍCIAS

Albany — O jornal *Times Union* publicou o seguinte anúncio na seção de pedidos de emprêgo: "Procuro lugar muito bem remunerado, que não dê preocupações: sou preguiçoso, ignorante, sem experiência e sem nenhuma tendência a adquirí-la, tenho referência, porém más."

✧

Columbus (Ohio) — Tendo falsificado num cheque a assinatura de seu patrão, John Boston perguntou ao agente que foi prendê-lo se essa era a única acusação contra êle e, ao receber resposta afirmativa, apossou-se do cheque e o engoliu, destruindo dêsse modo a prova do delito.

CORAGEM RELATIVA

E' uma história russa que se conta em Moscou depois do excesso de vodka. Um oficial surpreendeu dois soldados que haviam pilhado uma casa em pequena cidade que acabava de ser tomada ao inimigo.

— Que fizeram ? — gritou o superior — Não sabem que nossos chefes proibiram a pilhagem sob pena de morte ?

— Sei, sim, senhor — respondeu tranqüilamente um dos soldados — Mas os mesmos chefes nos ordenaram que tivéssemos absoluto desprêzo pela morte.

E retiraram-se carregados de despojos.

No Monte Branco

O DIA por nós escolhido para a escalada do monstro amanhecera calmo e promissor. Alto, enorme, formidável, com o cabeço coberto de neve faiscando lá em cima, o gigante dos Alpes enchia-nos, ao mesmo tempo de respeito e de espanto, de admiração e de terror. E foi admirados, espantados, após três horas de marcha penosa, que atingimos uma pequena esplanada de gêlo, que assinalava, aí, o início do pedaço mais perigoso da montanha.

A comitiva, organizada no hotel, era composta de vinte e sete pessoas, divididas em nove grupos de três, entregue, cada um, à experiência de um guia. Inglêses, franceses, americanos, alemães, japoneses, argentinos, de tudo havia ali, naquela caravana arrebanhada, ao que parece, por um internacionalista, para tripular a Arca de Noé. E como o único brasileiro fôsse eu, deram-me para companheiro um casal de argentinos, o senhor e a senhora Ângelo de Molina, pessoas conceituadíssimas que tinham, entre outras virtudes pouco nacionais, a de admirarem profunda e sinceramente o Brasil.

O sr. De Molina era um dêsses homens que inspiram respeito antes do primeiro conhecimento. Sério, grave, circunspecto, falando pouco e pensando menos, suas palavras eram como moedas de ouro que a mulher, senhora distintíssima, recolhia ao cofre da memória antes que alguém as apanhasse do chão. Alta, forte, linda, magnífica de graça e de mocidade, D. Consuelo representava, no capítulo do casal, a parte da poesia de que o marido era, apenas, um dos trechos em prosa.

Não obstante essa companhia, a viagem parecia-me encantadora, pelo menos até à esplanada, onde, detidos pela primeira fadiga, ouvimos esta intimação do guia:

— Daqui para diante, os senhores precisam de ir amarrados.

— Amarrados ?— estranhei.

— Amarrados ? — interrogou o sr. De Molina.

— Amarrados, sim — confirmou o guia. — Os cavalheiros serão ligados pela cintura, por uma corda, distando um do outro dois metros. E a corda será prêsa a mim, que irei na frente.

O argentino mordeu o dedo polegar, mesmo por cima da luva, e inquiriu de modo estranho:

— E a senhora ?

— Será também amarrada, como os homens — explicou o guia.

E sorrindo:

— Eu tenho, porém, a esclarecer um pormenor aos senhores. E' crença aqui na montanha que, nestas ascensões, não há corda, por mais forte que seja, que resista ao pêso das mulheres levianas. Os abismos têm, aqui, a missão de purificadores do Mundo, devorando tôdas as damas desleais aos seus maridos. E, como isso possa motivar o sacrifício de pessoas inocentes, nós temos sempre o cuidado de amarrar as senhoras em último lugar, na ponta da corda, para que, se esta se partir, seja a mulher a única a pagar o seu pecado.

Ante essa observação inopinada, os olhos do sr. De Molina fuzilaram.

— Oh !... — exclamou, num rugido, avaliando, de súbito, tôda a extensão daquele insulto.

— Oh !... — fiz eu, por minha vez, fustigan-

do o guia com o meu olhar, com ímpetos de enfiar-lhe pela cabeça dentro o meu cajado de grampos de ferro.

O montanhês começou, porém, a amarrar-nos. E já me tinha ligado, quando D. Consuelo, que se achava à distância endireitando os sapatos ferrados se acercou para ser colocada entre os dois, em sanduíche. Então o sr. De Molina aproximou-se dela e foi-lhe dizendo, enquanto a afastava:

— Agora, filha, sou eu !

E consolando-a:

— Você vai em último lugar, no fim da corda. E' que nós, desta forma, agüentamo-la muito melhor...

À tarde descemos os três: eu, o guia e o viúvo.

EXAGEIROS

UM dos abusos que vão, pouco a pouco, desaparecendo das crônicas nacionais, é a arrogância com que os estrangeiros se portavam no Brasil. Franceses, alemães, portuguêses, turcos, polacos, gregos, italianos, não sentiam o menor constrangimento em nos ofenderem grosseiramente, referindo-se de modo depreciativo a tudo que nos pertencia. O inglês, então, considerava isto uma colônia de Sua Majestade Britânica, supondo ainda que nos dava uma honra excepcional em quebrar, aqui, com as suas botinas de quatro solas, os sólidos paralelepípedos do calçamento. Era preciso estar com vinte e dois uisques no estômago para que um dêles consentisse na sua naturalização, ou, mesmo, no registro de um filho nas pretorias brasileiras. O inglês, onde nascia, era inglês sempre. E tôda gente ainda se recorda daquele famoso John Hughes, a quem estranharam não considerar brasileiro um seu filho de doze anos, nascido e criado no Rio de Janeiro e que se justificava assim: "Então, por que pinto nasce na estrebaria é cavalo ?".

Charles Evans Moore, o antigo diretor da Companhia do Gás, era um dêsses hóspedes habituados a depreciar, em tudo, a nossa terra. Nada, aqui, lhe causava admiração nem entusiasmo, porque tudo lhe parecia chato, medíocre, abaixo do comum. A própria Natureza, que a outros causava espanto, e que arrastava de longe as luzidas caravanas dos sábios, parecia-lhe vulgar, sem interesse, sem beleza, sem qualquer soma de originalidade.

— Você, já viu o Corcovado, Evans ? — indagava alguém.

— *Corrcovada* — repetia o inglês — Vi, sim; vi.

E antipático:

— Inglaterra tem *Corrcovada muinta maiorr !*

—E o Pão de Açúcar ?

—Oh! Inglaterra tem Pão de Açúcar *muinta maiorr*.

— E a baía ? Já passeou na Guanabara ?

(*Continua na pág.* 10)

SLACKS E CAMISAS
ESPORTE E VERANEIO
ULTIMAS CREAÇÕES
PREÇOS REDUZIDOS
alfaiataria ORIENTE
Av. Mar. Floriano, 131

Com ÓLEO DE LIMA penteado
Êle vive sempre encostado...

Faça como o rapaz que sabe viver... use tambem ÓLEO DE LIMA, que é produto cientificamente preparado, sem goma nem gordura. ÓLEO DE LIMA amacia os cabelos sem empastar, facilitando o penteado.

ÓLEO DE LIMA

Operosidade

— Você precisa acabar com essa mania de lançar pedras fundamentais ! Assim, não há fraque que agüente !...

LADY DOCKER

TEM 50 anos e poucos acreditam em tal, sendo por isso chamados por ela de "imbecis".

Inglêsa, ruiva, muito bem conservada, mais parece uma balzaqueana e em certas fotos, não retocadas, surpreende pelo seu aspeto juvenil. Com isso, uma doida e perdulária, com o maior desprêzo pelas conveniências sociais tão estritas na vida londrina, na terra do *dont*.

E' multimilionária. Seu terceiro marido, Bernard Docker, é diretor de dezesseis companhias e da presidência da décima-sétima acaba de ser destituido por causa das maluquices da espôsa.

Docker era ainda há pouco presidente de uma companhia que fabrica armas e os luxuosíssimos automóveis Daimler, a marca usada pela rainha da Inglaterra.

Estão feitas as apresentações. Vamos à história.

O senhora Docker possuia três automóveis e encomendára um quarto carro de luxo, fantástico: os parachoques são de capa de ouro e os puxadores das portas de ouro maciço. Poltronas, a princípio forradas de *vison*, mostraram-se demasiado quentes e foram mais tarde forradas com peles de zebras.

Imagine-se essa burguesa rica cruzando, no seu carro, nas ruas de Londres, com o da rainha Elizabeth ! Deve ter cruzado.

Essa burguesa usa trajos de luxo, capas de *vison* bordadas a fio de ouro (como as poltronas do seu carro) do custo de milhões de francos. Fios de ouro tinha também um vestido seu de cinco milhões e uma estola de *vison* de dois milhões de francos. Quinhentos mil francos era o custo de um chapéu.

Assim se fêz ela fotografar ao lado de um carro da fábrica do marido.

Êsse escândalo, que há tempos fizera *mister* Docker perder a direção de um banco — sôbre o fundamento de que a conduta da sua espôsa era incompatível com a austera profissão de banqueiro — acarretou agora sua destituição da presidência da fábrica de automóveis Daimler, os rivais dos Rolls-Royce.

Norah Docker é o nome todo da heroina, antiga *vendeuse* de loja, alega fazer tôdas essas doideiras para propaganda dos carros Daimler. E' um argumento, dizem, de pêso.

Suas extravagâncias a fizeram popularíssima. Em reunião para

GRIPES ? TOSSES ? BRONQUITES ? ASMA ? COQUELUCHE ?
XAROPE PEITORAL PAULISTA
Do grande eficiência nas moléstias do aparelho respiratório
Produto da Lab. Farmacêutico das
INDÚSTRIAS REUNIDAS DE JOSÉ STEFANINI
Av. Londres, 416 — Bonsucesso — Fone: 30-5540

a escolha do reitor da Universidade de Glasgow, apresentou-se com uma etiqueta ao peito em que se lia a palavra *nihilista*. Calcule-se o escândalo...

Um dia, visitando uma taberna, dansou com um popular de ínfima classe.

Como o jôgo de bola de gude é interdito na Inglaterra às senhoras, provocou ela grande escândalo desafiando campeões masculinos para partidas e declarando-se a melhor jogadora da Europa. Mêdo do ridículo ou da derrota, nenhum barbado aceitou o desafio.

Mais tarde, já em 1956, tornou-se ela campeã de Oxford, batendo um jogador que resolvera topar a parada.

Em Monte Carlo esbofeteou o *maitre d'hotel* que lhe apresentara a conta.

E sem temer chocar a rica clientela do marido, declarou um dia gostar imenso dos chipanzés, por se parecerem muito com seus amigos de Mayfair.

E a última dessa endiabrada cinqüentona foi nas festas nupciais de Rainier e Grace Kelly. Como os foguetes e fogos de artifício estavam tardando demais, Norah mandou tocar com fúria a sirena do seu iate (ela tem um iate de luxo) e com isso desencadeou uma rajada de apitos, sirenas, o diabo, que varreu a baía como váia, em manifestação bem pouco protocolar.

Agora, demitido o espôso, a turbulenta ainda mostra o de que é capaz. O marido perdeu a presidência da companhia por obra do conselho de administração. Resta a batalha junto à assembléia geral dos acionistas, que são vinte e sete mil.

Então, Lady Nocker agiu: escreveu a todos êles, juntando às cartas seu retrato com dedicatória.

Não sabemos qual o comportamento dos acionistas. Aqui, no Brasil, a vitória de Norah seria "espetacular", como se diz no futebol.

(*Continua na página* 12)

O esmêro no pentear-se define o cavalheiro que usa a *insubstituível*

ÁGUA DE QUINA PINAUD

ÁGUA DE QUINA PINAUD

– a sua máxima proteção contra a

ANEMIA DOS CABELOS

Cuidado! Se você está perdendo cabelos, use sem demora a revigorante Água de Quina Pinaud! De grande efeito tônico, a Água de Quina Pinaud protege as raizes dos cabelos, evitando a caspa e a seborréia... tornando os cabelos mais fortes, macios e brilhantes. E com seu discreto e tão agradável perfume, a Água de Quina Pinaud é ótima também para facilitar o penteado feminino!

Escolha o tipo mais adequado para você:

Água de Quina Pinaud - **com óleo.** Sem empastar... fixa melhor! De fórmula francêsa, à base de ricas plantas, contém finíssimos óleos, tão diluídos que ficam atê invisíveis!

Água de Quina Pinaud - **sem óleo.** Com as exclusivas virtudes tônicas da quina, substitui, com vantagem, qualquer loção não-oleosa!

Todo barbeiro conceituado aconselha o uso da renomada Água de Quina Pinaud!

PINAUD *Paris* Perfumistes desde 1810

EXAGEROS

E o patrício de Nelson cheio de azedume:

— Oh ! sim ! sim! Inglaterra tem *Guanabarra muinta maiorr !*

Essa teimosia antipática ia contribuindo, dia a dia, como fàcilmente se imagina, para que nascesse prevenção surda, profunda, quase insopitável, contra o orgulho saxão. No hotel em que êle residia, pouca gente lhe suportava, já, aquelas maneiras hostis. E foi a represália que, um dia, estalou, por iniciativa do próprio hoteleiro, que era um dêsses brasileiros intransigentes em matéria de patriotismo.

Indignado com aquela insistência do inglês em achar insignificante, pequeno, mesquinho, tudo que era nosso, imaginou o Antônio Fernandes, o dono do hotel, a desforra nacional. Certa noite, aproveitando a ausência de Charles Evans, foi Fernandes ao quarto dêle, suspendeu os cobertores e meteu, debaixo, uma tartaruga de bom tamanho, que havia adquirido no Mercado. Em seguida, desligou a chave da luz para que o hóspede se deitasse às escuras, e aguardou os acontecimentos.

À meia-noite entrou Evans. Chegou e, como não houvesse luz, despiu-se mesmo às escuras e meteu-se, tranqüilo, entre os lençóis. Mal, porém, se deitara, soltou um urro e pulou, como um tigre, da cama revolucionada, chamando, aos berros, pelo dono da Casa. Êste ligou a corrente elétrica e penetrou, alarmado, no quarto do inglês.

— Que é isto, *senhorr ?* Que é isto ? — gemia Evans, apavorado, andando no quarto, nú, de um lado para outro.

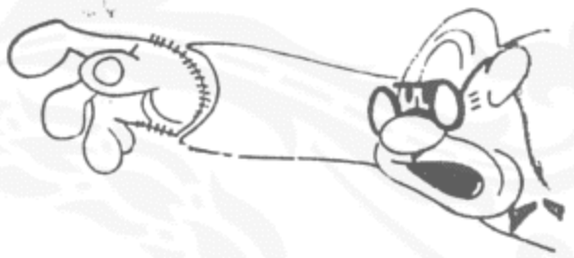
O hoteleiro acendeu a lâmpada e, suspendendo os lençóis, mostrou-lhe, sorrindo, a tartaruga:

— Isto ? Então o senhor não conhece percevejo ?

Evans olhou-o, espantado. E, de olhos arregalados, curvando-se, despido, sôbre a cama, para examinar o bicho:

— Oh ! Inglaterra tem *perceveja*, mas *muinta... menorr !*

Humberto de Campos



O ENSINO NA FRANÇA DEIXA MUITO A DESEJAR...

Em curiosa reportagem, divulgada por conhecido semanário parisiense, revelou-se que a Federação das Associações dos Pais dos Alunos de liceus e colégios acaba de reunir-se em congresso no Centro Universitário Mediterrâneo de Nice. Com o objetivo de conhecer as condições de vida dos jovens estudantes, essa importante organização (250.000 associados) realizou investigações nos 225 estabelecimentos que agrupam 35.000 alunos. As conclusões a que chegou depõem muito contra os educadores franceses.

Em primeiro lugar, a prática dos mais elementares preceitos de higiene deixa muito a desejar. Em Limoges, por exemplo, para lavar as mãos antes das refeições, 400 alunos dispõem apenas de 4 pias; em Alés, 480 alunos têm 10; em Epernay, 180 alunos utilizam 9. A alimentação é, em geral, satisfatória. Mas o tempo de que dispõem os alunos para suas refeições — 30 minutos — faz crer que êles comem "por meio de seringas". Quanto ao sono dos escolares, poderá ser "reparador" num aglomerado de 78 leitos sem intervalo de um para o outro num pequeno dormitório, como é o caso do Angoulême ? No dormitório de Amiens há 280 lugares e... 400 alunos. Em Fontainebleau, dois irmãos dormem na mesma cama destinada a um único pensionista. E' verdade que os pais deram consentimento para isso.

Em Limoges, os alunos passam sôbre os leitos dos outros para atingir os seus. Verificou-se que o aquecimento é insuficiente em 70% dos casos e a claridade em 37%. Não há enfermarias isoladas em 28 estabelecimentos sôbre 196. As salas de aulas estão superlotadas em 50% dos casos. E' freqüente que certas classes tenham até 70 alunos, que têm de trabalhar em condições de absoluto desconfôrto.

Em suma, a vida de bom número de internados, em 1956, não é diferente da que conheceram e detestaram Voltaire, Balzac e Chateaubriand entre outros. E' verdade que essas ilustres personagens viveram em uma época em que a quase totalidade das finanças públicas era devorada pelas guerras incessantes !

OS CÃES VENCERAM A QUESTÃO

Há alguns anos morreu, num arrabalde da cidade, certo sr. Lobo, velho industrial multi-milionário. Legou sua fortuna a uma senhorita Vertuga, que foi durante vinte anos a mulher da sua vida. Mas exigiu que a herdeira entregasse dez mil cruzeiros por mês ao sr. Domingos, encarregado pelo *de cujos* de tratar dos seus animais.

A soma, à primeira vista, pode parecer exorbitante... Na verdade, porém, não é, pois o sr. Lobo tinha dezessete cães e em sua luxuosa residência viviam à tripa fôrra bacês, lebreiros, lulús da Pomerânia, pastores alemães, fox-terriers e muitos outros.

Ora, últimamente a Srta. Vertuga, pensando bem, julgou que ao sr. Domingos tocava soma excessiva, porque três dos seus pensionistas tinham morrido e ela recorreu aos tribunais para diminuir a importância que lhe cabia.

Domingos provou com documentos que a renda legada era, pelo contrário, muito "micha" para as necessidades de seus hóspedes de quatro patas:

— Alguns dêles — argumentou — só comem filé, outros gostam de costeletas e outros ainda apreciam fígado de vitela (sic). Sou muito amigo dos cães para não os alimentar de acôrdo com suas preferências.

O advogado da querelante perguntou-lhe com sorriso irônico:

—Os cães declararam do que gostam ?

— Não... Mas percebi pelo modo de recusar os alimentos que não apreciam.

O tribunal deu ganho de causa ao amigo dos cães, obrigando a Sta. Vertuga a desembolsar a renda total dos herdeiros caninos...

— Vamos jogar valendo um grão de feijão?
— Você está louco?!

PE'S

SÃO nossa base. E' sôbre pés que assentamos nossa importância de monos eretos. Os pés, diferenciação das patas de bois, cavalos e outros mamíferos, continuam para êstes a ser pés mesmo e o seu maior ou menor número estabelece a nobreza ou a animalidade do possuidor: quanto maior o número de pés, mais nobre o serviço. Coisa aliás relativa, porque há muito bípede que anda moral e inteletualmente abaixo do primeiro onagro por aí.

Os pés, medida de nobreza, são-no também de comprimento. São medidas lineares ainda vigentes em países anglo-saxões, tradicionalistas de índole, que não topam o sistema métrico decimal a despeito de tôda a trapalhada que suscitam em tomada de altura de aviões, de montanhas, de comprimento de eixos de máquinas, do diabo!

Onde os pés, todavia, assumem fóros de nobreza indiscutível é nos esportes. Precisamente: no futebol. Ter bons pés no chute vale mais hoje que possuir o cérebro de Edison, de Pasteur, de Renan. Os pés do futebolista cingem-nos lauréis, têm fotografias de página em revistas e jornais e médicos especialistas para tratá-los com o máximo carinho. Um pé de tal valor ferido no jôgo dá deliquios em senhoras e bandeiras em funeral.

O pé está sempre presente ao nosso cérebro: procura-se um pé para briga ou para paz, metem-se os pés pelas mãos, há pé de vento, de moleque, de pato, de chumbo, de árvore, de cabra, de verso.

Anda-se pé ante pé, responde-se ao pé da letra, bate-se o pé, caminha-se com pés de lá e atamanca-se, fazendo-se coisas do pé para a mão.

E' um nunca acabar. Em que pé estávamos? Ah! Façamos fincapé no assunto e teremos o pé metido em expressões familiares, ir num pé e voltar noutro, lamber os pés dos poderosos, não chegar aos pés de alguém; negamos a pés juntos, tiramos o pé do lodo e, mais, ficamos aflitos enquanto não tomamos pé.

O próprio capenga é um pé-pé...

Foi o pé que nos deu o pedal e o pedestal em que assenta tanta glória falsa.

A letra *p* parece ser de sua simpatia: por essa letra começava em latim e no grego e assim nas línguas neo-latinas. Os pés inglêses preferiram o *f*.

O assunto está morrendo e, a propósito, quando morre um sujeito, vai, direitinho de pés juntos para o cemitério.

LADY DOCKER

Último pensamento da levada-da-breca:

— Eu preferiria que nosso desastre fôsse muito maior, porque então provaria a todos os que me combatem que continuaria a ser elegante mesmo com vestidinhos de tostões...

Moderno Fixador

CABELOSAN

EXTINGUE A CASPA, EVITA A QUEDA
DÁ BRILHO, VIGOR E BELEZA
AOS CABELOS

INDÚSTRIAS ANTISARDINA LTDA.

Um produto das Indústrias Antisardina

Contos e Pontos

UMBERTO PEREGRINO

VAI em 16 anos que o Gen. Bertoldo Klinger luta bravamente pela implantação da Ortografia Simplificada Brasileira, sistema de sua invenção e paixão. Agora mesmo fêz editar o "Opúsculo 8.º," em comemoração a êsse 16.º aniversário.

A verdade é que, se o Gen. Klinger não consegue vencer essa batalha "osbriana", também ninguém consegue derrotá-lo. O General é um guerrilheiro indomável, pois combate com as armas da erudição e da sinceridade.

—◇—

Na Biblioteca do Exército não são admitidas homenagens a pessoas vivas.

Constituem únicas exceções, intencionais, aliás, o Mal. Rondon e o Gen. V. Benício da Silva, cujos nomes foram dados respetivamente ao nosso salão de Conferências e à sala de Leitura.

Os motivos dessas exceções ostensivas são óbvios: Rondon é Rondon e o Gen. Benício foi o restaurador da Biblioteca, com a organização atual.

Fora dêsses, porém, para ter retrato ali ou outra qualquer homenagem é preciso morrer primeiro...

Como o preço é muito alto os candidatos se retraem...

—◇—

"Primeiro Baile" foi um dos contos premiados no concurso recentemente instituido pela "Tribuna da Imprensa". Assinava-o Desirée Pujol.

Pois sabem quem estava por trás dêsse pseudônimo de bom gôsto ? Apenas a Sra. Flora Camargo Munhoz da Rocha, espôsa do ex-Governador do Paraná, Prof. Munhoz da Rocha.

Com o nome verdadeiro, a autora já era conhecida e aplaudida. A idéia de participar do Concurso, rigorosamente escondida sob outro nome, ela própria a explica como originária de uma observação da sua filha Sandra, de 12 anos:

"Será que o que você escreve é bom mesmo, ou somos só nós que achamos porque gostamos de você ? E os outros... quem sabe? Achavam só porque você era espôsa de Governador e depois de Ministro ?"

E' uma pena que essa dúvida infantil não acuda a muita gente adulta, cujos talentos se revelam e apagam em função do exercício de altas posições oficiais...

—◇—

A propósito de um tópico em que reclamávamos, outro dia, que R. Magalhães Júnior não houvesse colocado Euclides da Cunha ao lado de Machado de Assis e Castro Alves, entre os autores mais biografados e discutidos no Brasil, o vitorioso renovador da interpretação da personalidade de Machado de Assis escreveu-nos para concordar em que o "reparo é justo".

E tão justo realmente lhe soou o reparo, que R. Magalhães Júnior, ali mesmo, sugere a elaboração da biografia que Euclides da Cunha ainda não teve quem lhe fizesse, embora seus numerosos biógrafos... Nesse sentido lembra os próprios exemplos de Machado de Assis e Castro Alves, igualmente já estudados com abundância, e que estão longe de esgotar-se.

Aliás, o "Machado de Assis desconhecido", já em 2.ª edição, representa decisiva demonstração de que "há lugar para a renovação de biografias que parecem feitas e, em verdade, não estão".

GUERRILHEIRO DA ORTOGRAFIA ETC.

LÓGICA

Êle não é muito jovem. Nunca foi bonito. Mas é rico, muito rico. Ela é jovem. E' linda. E, sobretudo, muito sabida... "Temno pelos beiços", para fazer com que a torne sua espôsa. Com alguma relutância, êle se decidiu afinal. Levou-lhe um anel caríssimo e o colocou em seu dedo, dizendo:

— Está resolvido, caso-me contigo. Mas tu me serás fiel como um cão.

Ela, então, retirou o anel do dedo e estendendo-o a êle:

— Nesse caso — declarou solenemente — é um colar que me deves trazer.

—◇—

— A pior coisa que há no casamento não é casar-se; é cansar-se.

Preparando-se para o Sucesso...

ÓLEO DE LAVANDA LEVER

No cabelo você tem o ponto mais alto de boa aparência... e com boa aparência você tem sucesso! Cuide de seu cabelo com Óleo de Lavanda Lever, dando-lhe vida, brilho e beleza. Óleo de Lavanda Lever mantém o penteado na posição desejada, perfuma com a legítima lavanda inglêsa e mais: evita a caspa e impede o ressecamento do cabelo, porque contém lanolina super-refinada.

— A **Justiça** passa um pito no ministro da dita.

REPÚDIO MATERNO

Veio ao mundo recentemente, em La Croix de-Berny, França, curioso pinto, que tem quatro patas. Pelo exame dêsses membros acredita-se que êsse "monstro" seja resultado da coexistência de dois embriões de sexos diferentes: duas das patas são de galo e as outras duas de galinha.

O caso, em princípio, parece banal e não o assinalaríamos se as observações feitas pelo sr. Herzog, seu proprietário, no momento do nascimento, não fôssem interessantes do ponto de vista da história do instinto maternal. Com efeito, a mãe dessa aberração não a quis reconhecer e a pôs fora do ninho, maltratando-a. O sr. Herzog recolheu o animalzinho, mantendo-o em lugar quente para poder sustentá-lo com vida e o colocou mais tarde no ninho.

Na manhã seguinte encontrou-o novamente do lado de fora, morto pelas terríveis e furiosas bicadas da galinha.

Verifica-se, dêsse modo, ausência total do instinto materno, que entre os humanos leva a amar e velar mais os filhos defeituosos, atenuando-lhes a infelicidade.

✧

Uma Noite

SÃO três horas da manhã e em casa do sr. Veiga, conceituado capitalista da nossa praça, soa o telefone. Atende a voz ensonada de Elvira, o rebento mais velho do casal Veiga.

— Alô !... Quem fala ?

— A senhora estava dormindo?

— Pois claro ! Que queria o senhor que estivesse fazendo a esta hora ? Sou moça séria.

— Ah ! Desculpe ! E' que...

— E' que o quê ?

— E' que eu não consigo dormir...

— E que tenho eu com isso ? Para que ligou para minha casa ? Não tem mais nada que fazer ?

—Não, minha senhora. E é essa a minha tragédia. A única coisa que tenho que fazer a estas horas é dormir e não consigo.

— E dedica-se então a incomodar os outros ?

— Ando à procura de outra pessoa que sofra de insônias, como eu.

— Pois aqui não há quem o senhor procura !

Chac-pim. E Elvira, o rebento mais velho do casal Veiga, desligou o telefone.

✧

Meia hora depois o telefone torna a tocar em casa de Elvira.

— Alô ! E' a senhora ?

— Outra vez !

— Acordei-a ?

— Não. Há bocado tirou-me o sono.

— Quer conversar comigo? Eu tenho o telefone ligado à cabeceira. E a senhora ?

— Eu também.

— Ah ! Então podemos conversar...

— Conversar de quê ?

— Sei lá... De cinema, de passeios... Quantos anos tem ? Que fêz ontem de tarde ?

— E o senhor ?

✧

de Insônia

— Eu, de tarde fui ao cinema e à noite fui a uma conferência na Sociedade de Geografia, que é lugar em que consigo ficar com sono.

— Há muito que sofre de insônias ?

— Quase desde pequenino. Meu pai chegou a fazer um concurso de amas, para ver se alguma conseguia adormecer-me de noite e nenhuma ganhou o 1.º prêmio.

— E nunca pensou em tratar-se ?

— Tenho sido observado por quantos médicos e hipnotizadores existem, mas sem resultado. Mas, de fato, estou pior de três anos para cá.

— Por que ?

— E' caso de conciência intranqüila. Há três anos cometi ação desprezivel...

— O quê ?... Algum... algum crime ?

Quase...

— E nunca tratou de aliviar sua conciência contando-o a alguém ?

— Não, mas se me dá licença, posso contar-lhe. Como não me conhece nem sabe quem sou, tenho mais coragem. Quer ?

— Está bem. Conte.

— Então, escute. Há quatro anos conheci certa mulher. Cortejei-a e ela aceitou minha côrte. E chegámos a marcar o dia do casamento sem me decidir a contar-lhe meu segrêdo.

— Seu segrêdo ?

— Sim, meu segrêdo. A você, como não sabe quem sou, digo-lho. Sou completamente calvo. Como a palma da mão. Ela, porém, não sabia... Eu usava um chinó perfeitíssimo...

— Mas por que não lhe disse ?

— Sabia que ela odiava os carecas. Decidi, por isso, conservar meu segrêdo até o fim. Mas um dia...

— Que foi ?

— Fomos os dois à praia. Deixei o chinó na barraca e pus uma touca de borracha. Mergulhámos os dois. Ainda debaixo dágua, porém, percebi que a touca me tinha fugido da cabeça. Procurei-a sem resultado. Faltava-me o ar. Asfixiava. Mas não queria voltar à superfície e mostrar-me tal qual era: careca !

Ah ! Não era caso para tanto !

— Ai não, não era ! "Meus" ex-cabelos eram todo o meu orgulho ! Tomei uma decisão, ràpidamente. Nadei debaixo dágua, até o que os pulmões permitiram. Fiquei longe. Nadei para a costa, no lado oposto. Fugi, fugi para sempre. Ela supôs que eu me tinha afogado... E, então, correu à casa e comeu duas caixas de fósforos, dez pastilhas de sublimado e vinte e quatro tubos de pastilhas homicidas. Morreu. Pobrezinha ! Tinha já o enxoval todo pronto ! Até o vestido de noiva !

— Ah ! Mas julga o senhor que seria eu tão frivola que lhe não perdoasse ser careca ? Eu até gosto... Os calvos são tão interessantes !...

— Palavra ? Acha isso ?...

✧

E, desde então, os dois falaram tôdas as noites pelo telefone...

✧

(Continua na página 33)

Tannhauser

Camisas

Agora o novo colarinho
quìmicamente engomado
com as pontas extra-rijas

Stiff Point

A VENDA EM TÔDAS AS BOAS CASAS DO RAMO NO BRASIL

Os OCULOS do DIABO

Crônica de Lisbôa: por **Jorge Ramos**

Jornalista português

O ROMANCE DO TAMISA

VENHO de Londres, com a pressa telegrática de contar-vos, entre duas fumaças de cachimbo, a visão de uma manhã vivida em Tower Bridge — a mais extraordinária revelação da "city" anônima, desconhecida, subterrânea. Eram cinco horas da manhã, tingidas dum azul de azulejo e ao chegar à ponte histórica por onde devem ter passado todos os condenados ao cêpo do cutelo do tempo de Cromwell, tive a sensação empolgante de que o Tamisa era um rio de uisque onde sobrenadava a tradicional fleuma britânica. A Tamisa aparecia-me verde — oleado verde para forrar estranhamente corredores de ante-câmaras mortuárias, que nos trazem sempre à idéia tocheiros feitos como lírios à luz verde... E além surgia-me numa aparição fantástica que resumia todos os dramas de Dickens, — duma côr de cinza sem ser cinzenta, duma tonalidade hamlética de poema composto em trágicas rimas de neblina... Mas sob meus pés, do alto da Tower Bridge, a água tinha uma sinistra vermelhação. Pensei nesses capitulos de folhetim que são os dramas patéticos dos suicidas... Fantasiei a queda de fardos pesados de angústias, abrindo num sulco de visão vermelha o reposteiro do rio. Lembrei-me até de tôdas as novelas policiais... Errante a minha cisma de visionário adejava nesse instante da manhã de Tower Bridge e pousou como abelha desperta por um raio de sol — eram cinco horas da manhã... — na figura romanesca dum velho vendedor de caranguejos...

Havia qualquer coisa de múmia no seu tipo anguloso de cadáver vivente. Êle pareceu entender o que se passava dentro dos meus pensamentos, e quando, sugestionado, me aproximei, nesse passo que deve explicar tôda a solenidade dos iniciados que vão jurar diante do olhar de pedra dum Buda a mais alta compreensão da vida sublime, contou-me em duas palavras o romance do Tamisa. E' uma lenda que se debruçou numa manhã de Tower Bridge da voz além-mundo dum anônimo miserável da ponte de Londres... Êste homem ignorado, humilde vendilhão, foi para mim maior que a Tôrre de Londres... Sua narrativa, cadenciada, gotejada, desvenda-me o segrêdo da Londres beira-rio.

Foi em Tower Bridge que do alto da muralha, dos ângulos da grande ponte, se lançou ao Tamisa — há oitenta e três anos, pelas cinco horas da manhã — a última princesa da Escócia.

Evocação dum romance de cavalaria da verde Erin, escutei essa história banal da bôca banal dum vendedor de caranguejos. Desde então — continua na sua voz de salmo aquêle lord maior da Londres da miséria, catedral dos andrajos às cinco da manhã... — à hora em que a velha ponte desperta com o trânsito dos primeiros madrugadores, os que vêm e os que vão, as carripanas joviais de dois "poneys" e os amanhecentes autobus sonolentos, as águas do Tamisa ficam por momentos vermelhas, côr do sangue duma princesa que havia de ter sonhado com os rubros roseirais dum grande parque escocês e foi, ali sepultar no grande parque de águas deslisantes como lágrimas imensas a sua tragédia azul...

E' uma lenda — refleti. Clareou-

(*Continua na pág.* 36)

Não pode haver fronteiras de cultura entre Portugal e o Brasil

POR via aérea chegou ontem a Lisbôa, acompanhado de sua espôsa, o sr. prof. Peregrino Júnior, catedrático da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil e presidente da Academia Brasileira de Letras, que hoje de manhã seguirá para Roma, Paris e Madrid. Voltará depois a Lisbôa, onde realizará, no Instituto Nacional de Educação Física, no dia 8 de Agosto, uma conferência.

No Aeroporto o ilustre viajante fêz declarações à Imprensa. Começou por dizer:

— Para mim é sempre uma alegria estar em Lisbôa e sinto, ao pisar terra portuguêsa, não que chegue mas volto — volto sempre de uma viagem sentimental. Venho rever os amigos de ontem e de hoje e criar também novas amizades de portuguêses, sempre tão úteis ao Brasil.

O prof. Peregrino Júnior declara, com sincera mágoa:

— Infelizmente, não posso hoje assistir à recepção que a Academia das Ciências de Lisbôa promoveria em minha honra, pois logo de manhã seguirei para Roma. Será no meu regresso e então com tempo para sentir até melhor a alegria de estar com os meus amigos e, em especial, com o eminente dr. Júlio Dantas.

Sôbre a decisão tomada em relação à entrada dos livros portuguêses no Brasil, o prof. Peregrino Júnior esclareceu:

—Foi para nós, brasileiros, de grande satisfação. E já tive ocasião, em meu nome e no da Academia Brasileira de Letras, de dirigir uma expressiva carta ao dr. Júlio Dantas. Não podemos ter fronteiras de cultura no Brasil e muito menos fronteiras para a cultura portuguêsa, país da nossa cultura. E tanto assim é que o sr. Presidente da República do Brasil, dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira, já sancionou a lei que permite a livre entrada, sem restrições de qualquer espécie, aos livros portuguêses. Era um êrro, um contrasenso. Repito: não existem fronteiras entre Portugal e o Brasil.

Falando do Tratado de Amizade e Cultura, fêz as seguintes declarações:

— Esse tratado sancionou o estado de espírito existente já entre Portugal e Brasil e entre os portuguêses e brasileiros. Confirmou, sob todos os aspetos, os sentimentos indestrutíveis das duas nações irmãs. De resto, a nomeação do dr. Álvaro Lins, grande amigo de Portugal, para embaixador do Brasil em Lisbôa, obedeceu a um imperativo do nosso Presidente Juscelino. Álvaro Lins foi uma bôa escolha. E' um amigo sincero de Portugal: tem em Portugal imensos amigos e admiradores; conhece bem os problemas de cultura e o seu coração é devotado às coisas portuguêsas. A sua vinda traz ainda o prestígio pessoal do Presidente Juscelino, que quer promover uma obra de ação cordial e afetiva nas relações entre Portugal e Brasil.

Depois de referir-se à presença do dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira, não só na sessão de encerramento da Semana do Livro, na Academia Brasileira, como na sessão de posse do acadêmico Álvaro Lins, o prof. Peregrino Júnior recordou ainda os discursos do Presidente do Brasil, que definiram, em traços gerais, o seu programa cultural. Sôbre o acôrdo ortográfico luso-brasileiro afirmou:

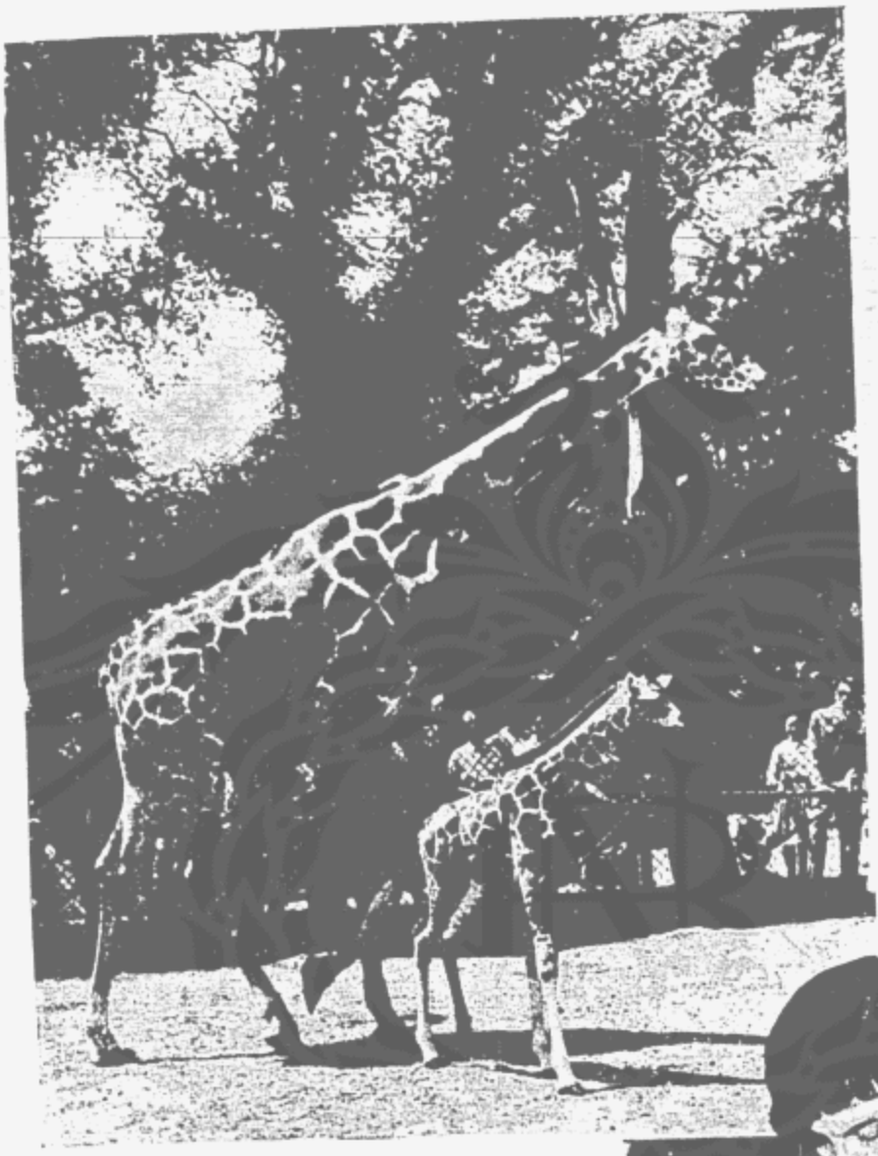
— Tencionava conversar e conversarei com o dr. Julio Dantas sôbre esse assunto. Já tratei do problema com o Presidente da República e com o ministro da Educação. Nós temos de reabrir as conversações sôbre o acôrdo ortográfico. Penso que o problema foi mal colocado nos dois países. O problema foi levantado como pretexto para discussão entre gramáticos. O Presidente Juscelino é um grande amigo de Portugal e deseja ver resolvido êste assunto, que não é bem um assunto para gramáticos.

E acentua, a concluir a exposição clara do seu ponto de vista:

— Havemos de resolver êste assunto a contento dos interesses dos dois países amigos e irmãos.

O prof. Peregrino Júnior em conversa com o prof. Nicolau Firmino que o convidou para um passeio ao Convento e Biblioteca de Mafra, com um almôço na Praia da Tericeira, no regresso de Roma.

O prof. Peregrino Júnior em Lisbôa, tendo à direita a espôsa, o dr. Fernando Ronald de Carvalho e o professor Nicolau Firmino, e à esquerda sua sobrinha, senhora do dr. Ronald de Carvalho, e o professor Mário Gonçalves Viana.



Daqui, dali, dacolá...

"Astra", a girafa do Zoo de Roma, teve um bebê. Na ocasião em que foi batida a chapa desta página, tinha a girafinha apenas dois dias de idade.

"Astra" se tem mostrado mãe muito extremosa, seguindo o filhote em tôdas as suas sortidas, como já o não fazem as mães humanas dos dias atuais.

Desde pequeninos se pode perceber a índole dos animais. Aí está um quadro muito esclarecedor. Bery Palmer, assistente do veterinário-chefe do Jardim Zoológico de Whipsnade (Inglaterra), amamenta os leõezinhos daquele Zoo. Os "triplets", dois machos e uma fêmea, têm cinco meses de idade e acabam de ser afastados dos cuidados maternos.

Dois possuem bôa índole, são mansos, cordatos, mas o terceiro, desde pequenino já mostra os maus bofes com que nasceu. Filhos de *Rex*, o famoso leão do circo Chipperffields, e *Christine*, leôa do Zoo, são dotados de gênios muito diferentes.

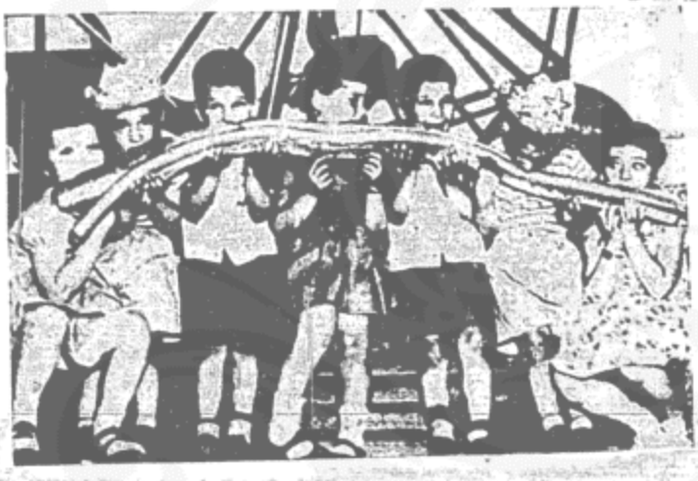
Coisas há, neste mundo, de deixar a gente de bôca aberta. Vejam, por exemplo, as unhas dêsse chinês e digam-nos, depois, se êste cabra não tem garantido o Reino do Céu?... Olhem que é preciso ser muito pobre de es-

pírito para passar a vida atenazado por tão longas unhas ! Chama-se Lan-Kin-Chuen e reside em Hong Kong. Nasceu em 1892 e, desde os dezesseis anos de idade, nunca cortou as unhas !

O maior "cachorro-quente" de todos os tempos, de metro e meio de comprimento, foi comido pelas sete crianças que aparecem na gravura.

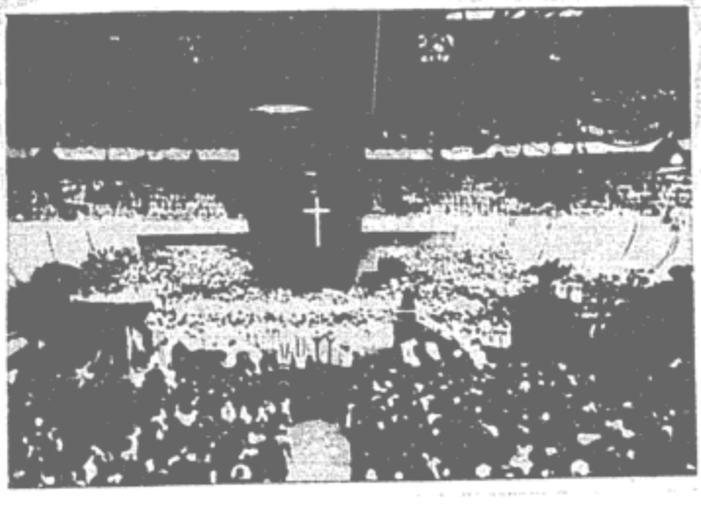
Foi o "cachorro-quente" premiado em Bronx, bairro de Nova Iorque, nos festejos do "Mês do Cachorro-quente".

Os pequenos cantores de dezoito países entoaram Cantos Gregorianos durante missa celebrada em Paris. Os seis mil jovens cantores foram assistir o VI Congresso Mundial da Federação dos Pequenos Cantores.



Rainier e Grace Kelly deixam a Igreja de São Carlos, após a celebração de cerimônia religiosa, por motivo do Dia da Independência dos Estados Unidos. O príncipe já não está com cara de muitos amigos...

Que é que há ?



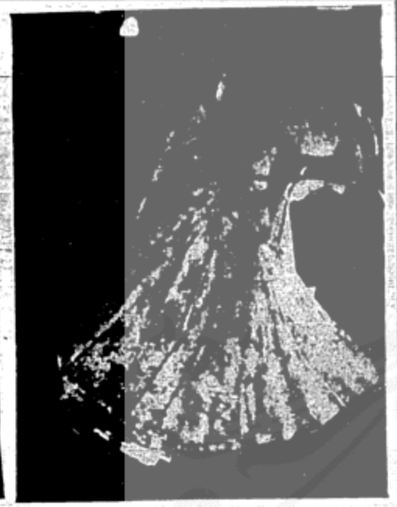
Rainha dos Estudantes

Dentre as numerosas candidatas que ali vimos, fixámos as que aparecem nestas páginas, tôdas "brotinhos" bonitos e estudiosos.

A coroação da nova Rainha foi levada a efeito pela Rainha de 1955, sob estrepitosa salva de palmas.

✧

Stela Bergmann.



Iara Marilda Praga.

Orly Rosaleri.

Shirley Ferreira.

Silvia Gomes (Rainha de 1955) coróa a nova soberana da UMES, senhorita Maria de Lurdes Goulart.

A AMES (Associação Metropolitana de Estudantes Secundários) realizou, nos magnificos salões do Clube Botafogo de Futebol e Regatas, no último sábado, o baile de coroação da Rainha dos Estudantes de 1956. A nova soberana, Sta. Maria de Lurdes Goulart, foi eleita por júri que lhe outorgou 40 pontos por sua elegância e 60 pela sua aplicação aos estudos.

Na eleição da Rainha dos Estudantes, fator mais importante do que a beleza física é a aplicação da candidata aos estudos, o que é muito compreensível.

Mlle Goulart, entretanto, reune as duas condições: é uma simpatia, sendo sumamente estudiosa.

Maria José Moura.

✧

Aidê Alves Macedo.

✧

Maria Vilma Gandizo.

✧

Cenira Cardoso.

✧

A Rainha eleita da UMES, senhorita Maria de Lurdes Goulart, entre as princesas Olga Osman e Nilma Drumond.

MAMIE VAN DOREN

Essa bela e escultural "platinum blonde", que se chama Mamie Van Doren, fechou o círculo de sua carreira cinematográfica: partindo de artista de variedades, voltou a artista de variedades.

Com efeito; faz poucos anos essa sedutora criatura, que é das mais promissoras estrelas da Universal International, dansava como corista em certo "cabaret" de Las Vegas.

Depois de trabalhar em diversos filmes cômicos e de aventuras, volta a dansar em "Perdoa-me, Amor", comédia musical em "Technicolor", em que apa-

rece ao lado de Rory Calhoun, Piper Laurie e Jack Carson.

Mal terminou êsse filme, a Universal deu-lhe novo papel em "Sua Excelência o Sexo".

Mamie adora dansar. Por êsse motivo dedica-se à arte com afinco. "Não sei se antigamente também era assim, mas atualmente, o êxito de um bailado depende de que tôdas as coristas se movimentem sincronizadamente, como se fôssem tocadas por uma vara de condão.

Isso só é possível mediante muita vontade e ensaios".

O eterno feminino

A última moda em roupas de banho foi lançada por "Mayogaine". São modelos de Monique Lambert e Claude. Apresentados em Paris, através de belos manequins. "Magie" é o mais claro e o outro é "Bandido".

Marie Andree Haan, a Miss "França da América", foi convidada a visitar Paris. Após o coquetel que lhe foi oferecido à sua chegada à Cidade Luz, posou em companhia de Monique Lambert, a da esquerda e Anita Treyen, Miss Cinemundo.

A bela e escultural estrela do cinema italiano Sofia Loren encontra-se em Espanha, onde está sendo filmada em "The Pride and the Passion", (ainda sem título em português), reclama porque correu um fio da sua meia. Quem não quereria levar-lhe outras meias em substituição?

Mais quatro roupas de banho, da coleção "Mayogaine", foram exibidas, recentemente, em Paris, por Almine, Christine, Colette e Odette, da esquerda para a direita.

É realmente notável a ação da

Tricomicina

no combate à calvície e suas diversas manifestações.

Se os seus cabelos estão caindo ou se o senhor já é acentuadamente calvo, não hesite mais: comece a usar ainda hoje a loção TRICOMICINA que promove a recuperação dos cabelos perdidos, assegura a permanencia dos que ainda existem, elimina a caspa e a seborreia e higieniza o couro cabeludo, deixando-o livre de quaisquer impurezas.

APLIQUE ASSIM A TRICOMICINA:

1. - Faça uma vigorosa massagem, com as pontas dos dedos, em tôda a cabeça.

2. - Com um algodão embebido em Tricomicina friccione fortemente todo o couro cabeludo.

Tricomicina

À VENDA EM TODAS AS FARMÁCIAS, DROGARIAS E PERFUMARIAS

FERIDAS ECZEMAS ESPINHAS e QUEIMADURAS

FARMÁCIA SIMÕES — Rua Mateos 33 — RIO

ARTE DE ESCOLHER MARIDO

Para o advogado, a hora da refeição em família é um **training** de discussão e de oratória. Além disso, enche-nos a cabeça de demandas e fala-nos sempre, em tom enfático e empolado, e, quando chega o momento do divórcio, já levamos uma grande desvantagem...

✧

O marido veterinário é uma fonte de economia. Quem lhe é'e adoece, já não é preciso chamar médico...

✧

Não há pior desgraça do que casar com um filósofo. E' capaz de interromper um beijo ao meio para fazer considerações sôbre Descartes ou Augusto Comte...

✧

O poeta é, geralmente, desleixado, sujo, sem método e sem aspirações econômicas. Vive olhando as estrelas e esquece de pagar a conta do padeiro, que ameaça suspender o fornecimento. O público aplaude-o nas "horas de arte" mas é a mulher quem lhe atura a caspa e a fome...

✧

O homem de lavoura anda com os bigodes cheios de terra e de gravetos de ninhos de passarinhos. Para êle, entre a mulher e a terra, tôda diferença está na semente...

✧

O criador é bom marido quanto à fartura e ao sossêgo do lar, mas é bronco, e cheira aos bois e às cabras do seu curral.

✧

O melhor marido é o jornalista: dorme de dia, enquanto a mulher passeia, e à noite não vem para casa...

✧

Os banqueiros seriam excelentes maridos se não tivessem o mau costume de acabar falindo e meter uma bala na cabeça...

✧

Os negociantes raramente dão bons maridos: estão sempre desconfiados de que fizeram mau negócio...

✧

Para o dentista o mundo se resume na arcada dentária e o seu firmamento é o véu palatino. Não servem às damas ciumentas: andam às voltas com a bôca das mulheres...

✧

Os farmacêuticos são maus maridos. Querem resolver tudo com ventosas e sinapismos...

✧

Os músicos são muito distraídos e têm o inconveniente de sonhar, à noite,

Está na cara

— Que fazia você, antes?!
— Consertava automóveis...

que estão executando um trecho de Wagner...

✧

Os romancistas são péssimos noivos: têm a mania de tornar o entrecho interessante e viciam-se em precipitar os desfechos...

✧

Para os botânicos, não há, na vida, senão fôlhas, caules e raizes. São capazes de querer classificar a planta dos pés de suas espôsas...

✧

A melhor forma de ser feliz no casamento é escolher um marido oficial da Marinha ou caixeiro viajante. Cada vez que regressam da viagem, a lua de mel volta a aparecer por detrás das cortinas...

✧

Desconfiai, p r u d e n temente, dos guardas-noturnos. Estão habituados a ver na escuridão...

✧

O joalheiro é péssimo espôso. Está acostumado a trazer tudo aferrolhado, por causa dos ladrões...

✧

Podeis, sem receio, casar com um aviador. E' homem que vive com a cabeça no ar...

✧

O colecionador de objetos antigos é o ideal dos ideais. Quanto mais velha fica sua mulher, mais êle lhe dá valor...

✧

O motorista é bom partido... quando o carro é próprio.

M.D.

—✧—

O primeiro amor é como o primeiro verso: está todo errado, mas parece-nos o mais belo verso que já se escreveu no mundo...

✧

Os homens ricos, que acreditam comprar a felicidade a pêso de ouro, são como um escritor que pensasse escrever bem, simplesmente porque começou a usar tinta mais cara...

✧

O beijo é um excelente final de capitulo. Impressiona sempre bem aos leitores...

✧

O gênero descritivo não convém à inteligência escassa das damas. Elas preferem um diálogo de amor, com muito suspiro e alguns erros de gramática...

DE CABEÇA EM CABEÇA CORRE A FAMA
DOS PRODUTOS DE BELEZA
Pindorama.
LOÇÃO PINDORAMA, nova maneira perfumada, devolve aos cabelos brancos a côr natural
PETRÓLEO QUINADO PINDORAMA, evita a queda e o embranquecimento precoce dos cabelos.
PRODUTOS DA MAIS ALTA CONFIANÇA
PRODUTOS PINDORAMA PERFUMARIAS S.A. Ed. Próprio RUA ANNA NERY, 1946 RIO

— Meu Deus, largue essa faca ! O senhor se corta !

28-7-1956

Comedia infinita

A CÂMARA DOS DEPUTADOS, aquela mesma que dòcilmente "legalizou" os golpes da "novembrada", pretende agora prorrogar os mandatos dos seus atuais componentes...

A propósito, sugerimos outra providência que igualmente ficará muito bem à Câmara dos Deputados: votar uma resolução tornando o Sr. Flôres Murchas da Cunha deputado perpétuo.

◇

Noticiou-se que o sr. Alencastro Ceglia Guimarães pretende abandonar a politica quando terminar o mandato de senador.

A verdade não é bem essa. O que ocorre é que a politica vai abandonar o sr. Alencastro, porque êste jamais conseguirá reeleger-se.

— ◇ —

O sr. Juscelino Pampulha Kubitschek vai à reunião do Panamá e Jango assumirá a Presidência.

Isto significa que o Brasil, ao menos por alguns dias, será uma espécie de CIREI.

— ◇ —

O Banco das Safadezas do Brasil adquiriu 140 máquinas de contabilidade "National" sem que tenham sido tomadas propostas de outras marcas.

A escolha baseou-se em estudos que indicaram a superioridade da marca "National".

Não pode haver dúvida de que essas máquinas são realmente maravilhosas: antes mesmo de serem recebidas já haviam resolvido problemas da contabilidade de muita gente...

— ◇ —

Sabe-se agora que o sr. Nereu Novembrada Ramos, enquanto foi Regente, assinou 1000 nomeações por dia.

Era êle no Catete e Sá Lessa na Prefeitura, ao passo que o Ministro Linhares roia-se de ciúmes, vendo a hora que seu recorde seria superado...

— ◇ —

A Prefeitura do Distrito Federal possui 70.000 funcionários, número muitas vêzes superior ao da Prefeitura de Nova Iorque.

Em compensação, todos os serviços públicos a seu cargo (hospitais, escolas, água e esgotos) funcionam pèssimamente, sob os piores padrões possiveis. E agora, com o aumento dos vencimentos, êsse descomunal funcionalismo eleitoral consumirá 90% da arrecadação municipal, que é fabulosa, só inferior à da União e do Estado de São Paulo.

O Prefeito e os legisladores cariocas já planejaram, porém, sábia solução para êsse problema: criarão lei estabelecendo que tôda a população carioca trabalhará para sustentar o funcionalismo da Prefeitura, o qual, em virtude de haver tanta gente trabalhando na cidade, continuará dispensado de fazê-lo.

A GLÓRIA !

Conta-se que Cora Laparcerie, ao passar por Orléans num carro dirigido por seu marido Jaques Richepin teve dificuldades com um agente de policia. O representante da autoridade, relatando escrupulosamente os diversos vocábulos nos quais foi muito pródiga a bela atriz, concluiu:

— A delinqüente estava acompanhada de um individuo, que não passava do conhecidissimo "Sr. Richepin."

Oh ! A glória !

AVISO

Comunicamos ao público que em vista da extorsão que constituem as novas tarifas e dos descabidos exigências do Serviço Postal, que obriga a abertura dos envólucros das revistas para verificar se não existem cartas no seu interior, resolvemos não mais aceitar pedidos de assinaturas, bem como sustar aquelas que estavam seguindo.

◇

Mistifório

Esses nossos queridos amigos franceses continuam brilhantemente a ignorar-nos. Verdade seja dita que, em matéria de geografia, e a despeito da definição célebre, "o francês é um homem condecorado que não conhece geografia", têm feito algum progresso, já não supõem que o Rio de Janeiro é capital de Buenos Aires, acertam direitinho com as coordenadas da nossa bela Capital. No resto, porém...

Ainda agora a revista **Paris-Match,** publicando extrato das Memórias do general De Gaulle, depois de citar muito corretamente os nomes de dezenas de generais alemães, inglêses, americanos e italianos, de grafia complicadissima para franceses, refere-se ao marechal brasileiro **Mascanheras.** Como se o comandante-chefe das nossas fôrças na Itália não fôsse, além de **Mascarenhas,** de Moraes.

Pois citou Mascanheras, **tout court,** e empasteladamente.

✧

Anuncia-se que o govêrno egipcio vai instalar em vários paises, a começar pelo Brasil, escritórios de propaganda.

Propaganda de que? De golpes?

E não nos venha com múmias, que cá as temos em barda, na politica e em outras atividades (ou inatividades).

Nem com o boi Apis, uma galinha morta ao pé do nosso também divinizado Zebú.

Nada temos que invejar ao milenar Egito. Tivemos aqui até um Nilo (Peçanha); tivemos esfinges, pirâmides (de sucata); tivemos e temos inundações; obelisco (em que amarraram cavalos) e quanto a pragas, às celebérrimas pragas, **enfoncée** a velha terra da Cleópatra, que aqui é coisa que não nos tem faltado.

E' praga sôbre praga!

✧

Todo mundo sabe como se constituiu o atual govêrno do Brasil. Foi uma avançada tal à carniça que o próprio presidente acabou confessando não haver escolhido seus auxiliares: êstes lhe foram impostos pelos partidos.

Ao cabo de seis meses é o que vemos: vai tôda essa gente caminhando, de olhos fechados, para a catástrofe. E' entre os próprios governistas que estão brotando os receios de um trágico final dêsse **intermezzo** politico. Há advertências ao Chefão — e o Chefão toma o primeiro avião e sái pelos ares, a espairecer. O próprio Luis Carlos Prestes, que lhe deu apôio, queixa-se de público das maluquices do supremo chefe.

O govêrno do Brasil é como um barco dirigido por pilôto doido — e os gritos dos pasageiros e de alguns da própria tripulação já se fazem ouvir.

✧

E a quem interessar possa: descobre-se agora que Joana d'Arc não era d'Arc, tal, mas Dart. Tão pouco era lorena, pois a Lorena só se tornou francesa sob Luiz XV. A heroina nasceu em Domremy, na Champagne.

E' crível que breve se desminta tudo isso e se proponham novas coisas. A História é assim feita.

ARTE DE ESCOLHER MARIDO

Os maridos e as frutas devem escolher-se enquanto estão maduros: quando estão **de vez,** nem o pau amadurecem...

✧

Evita os homens muito inteligentes. Êles farejam tudo, indagam tudo, de tudo querem saber a causa e a origem. São como as crianças, que não sossegam enquanto não abrem o brinquedo novo para ver como é que o trem corre ou a boneca diz: "papa".

✧

Não te cases com um médico. Êle verá, sempre, em ti, um caso clinico. Quando te queixares de dôr de cabeça (acidente tão comum na vida da mulher...) êle procurará ver se os teus olhos estão congestionados, se o teu pulso está intermitente, e não deixará que saias da cama para ir visitar tua amiguinha de colégio...

✧

Os militares são, em geral, maridos muito perigosos. Atrabiliários, violentos e mandões, pensam que as suas mulheres são soldados rasos e as suas sogras velhos sargentos relapsos, que não instruiram direito a sua tropa...

✧

28-7-1956

— Então, aí é que é o seu bar?!

— Foi o único lugar que escapou à bisbilhotice de minha mulher...

A vida é uma novela, mais ou menos interessante, que se complica, freqüentemente, sem que o seu próprio autor possa evitar os novos rumos do entrecho... Para alguns, ela se dilata em romance de capa e espada, com algumas mortes e outras tantas entradas na Casa de Detenção. Para outros é um pequeno conto que se lê de um fôlego, mas que resume tôdas as belezas do sentimento. A vida de um homem ignorante ou mediocre é um simples registro de assentamentos: nasceu a tanto, casou a tanto, teve tantos filhos e está enterrado no cemitério tal... São, esses, os homens felizes. Todo romance complicado é romance em que aparece gente sofrendo: de ciúmes ou de lombrigas...

Clichés:
TRAÇO
FOTOGRAVURA
TRAÇO E FOTO-GRAVURA
DOUBLÉS
ACEITAMOS ENCOMENDAS
RUA FREI CANECA, 383 ——— TELEFONE — 32-3721
ENTREGA RÁPIDA ——— PREÇOS RAZOÁVEIS

História de

O CORONÁRIO era um sujeito embezerrado, de poucas falas e, com isso, valente como as armas, homem de não levar desafôro para casa e de responder taco a taco à primeira impertinência do primeiro *quidam*.

Pois teve um dia seu Waterloo — e venceu-o um papagaio de quitanda.

Aconteceu que lá um dia abriu *seu* Joaquim uma quitanda na pacata e formosa rua em que morava o Coronário. Locanda lôbrega e porca como tôdas as quitandas do Rio, tinha a alegrá-la, a embelezá-la a figurinha verde e jocosa de um papagaio que não só pensava como também falava muito.

O primeiro contato que teve o Coronário com o novo e verde morador da sua rua foi numa manhã chuvosa e triste, de vento cortante como a língua de uma comadre. Estava o papagaio encolhido, de penas arrepiadas e parecia dormitar quando passou, quase sem olhá-lo, o macambúzio Coronário.

— Bom dia, *seu* pedaço de um burro!

Coronário teve um estremeção, deteve-se, olhou em volta. Só viu o papagaio. Era, sem dúvida, a ave quem falára. E só podia ser com êle.

Indignou-se. Teve ímpeto de agarrá-lo, torcer-lhe o pescoço. Mas um papagaio, mero repetidor do que ouvia e, portanto, inconsciente! Achou melhor ir por diante e não ligar.

E não pensou mais no caso.

Voltou tarde da noite, cansado e com sono. Jantou e foi dormir.

No dia seguinte, não se lembrava mais do episódio da véspera, passou pela quitanda e ouviu de novo a impertinência:

— Bom dia, *seu* pedaço de um burro!

Papagáio

Era, outra vez, o papagaio que o saudava daquela maneira. Só podia ser com êle a provocação.

Parou, fulo de raiva. Aproximou-se e ficou uns momentos a observar, colérico, a conter-se, o seu provocador. O papagaio fitava-o com seus olhinhos redondos, andando de um lado para outro, no poleiro, com um ar de zombaria que era de fazer ver rubro.

Coronário fêz um gesto de desdém e de novo seguiu seu caminho, sem mais cogitar do caso.

E assim, durante uma semana, foi regular e diàriamente saudado pela ave. Era passar pela quitanda e o papagaio, do alto do seu poleiro:

— Bom dia, *seu* pedaço de um burro !

Das almas grandes a nobreza é ser nobre. Coronário pensou: afinal de contas, o papagaio tinha razão. Por que não saudára êle, no primeiro dia, o vizinho de rua, oferecendo-lhe o dedo, coçando-lhe a cabecinha, fazendo currupácopáco, como faz tôda gente ?

E assim meditando, resolveu certa manhã mudar de atitude e fazer a vontade ao bichinho. Não custava nada ser cortês com êle, que diabo ! E tão logo o viu, de olhinhos miudos a espreitá-lo:

— Bom dia, papagaio !

O papagaio arrufou as penas, sacudiu as asas e abrindo o rombudo bico:

— Ah ! já aprendeu a ser educado, não é, *seu* pedaço de um burro !

—◇—

UMA NOITE DE INSÔNIA

Um ano depois um amigo do homem calvo e sem sono liga para casa dêste.

— Alô ! És tu ? Homem, estou aflito ! Não consigo pegar no sono. Tu também já foste assim. Que fizeste para te curar ?

— Dediquei-me a chamar ao acaso, pelo telefone, na esperança de conseguir outro enfêrmo do sono, como eu, e passarmos as noites entretidas. E sabes que me aconteceu ?

— Não.

— Casei-me !

— Ah !

— E' verdade. Mas, com esta mania das conversas de noite, contagiei minha mulher e agora é ela que não me deixa dormir. Leva a noite inteira a falar !

—◇—

Fausta Vencida

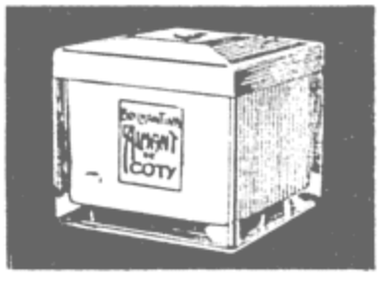
Mais uma obra de Michel Zevaco, *Fausta Vencida*, acaba de ser posta à venda pela Companhia Editora Fon Fon e Seleta S. A. E' a quinta da série, que vai a lume em dois volumes, bem impressos e de capa sugestiva.

Anteriormente foram publicadas "*Os Pardaillans*", *Epopéia de amor*, *Fausta* e *A Ponte dos Suspiros*.

No prelo encontram-se *Pardaillan e Fausta* e *Os Amantes de Veneza*.

O preço de cada volume da presente edição é de vinte cruzeiros e os pedidos, por reembolso postal, devem ser dirigidos à *Cia. Editora Fon Fon e Seleta S. A.* — Rua Pedro Alves 60, C. Postal 97, Rio de Janeiro.

◇



◇

O homem que perdeu os suspensórios

Henrique Roldão

— ADEUS Zizi ! Pensa muito em mim!?...

— Adeus, meu Roró ! Lembre-se muito da sua Zizi, que fica aqui sòzinha !

— Oh ! Com os demônios ! Um quarto para a uma ! Deixa-me ir apanhar o último bonde ! Adeus, meu amor !

— Adeus !

E Magalhães desceu ràpidamente a escada, afim de poder apanhar o bonde que o conduzisse ao tálamo conjugal.

. . . . . .

Magalhães era um desavergonhado da pior espécie. Casado com D. Eugênia (uma santa que lhe sofria as infidelidades com aquela resignação que deu nome a vários santos mártires), tinha de casa e pucarinho, ia para três meses, uma corista de teatro, a Luisa Pereira, por quem andava prêso pelo beiço, pelo aluguel do quarto e pelos três mil cruzeiros por mês de pensão.

Magalhães, que já tinha feito trinta e seis Primaveras havia doze anos, julgava-se ainda um homem irresistivel, daqueles que a mulher vê e fica logo no terceiro estado, daqueles que, em geral, se dizem muito espertos e afinal são mais tolos que os outros.

Boêmio por tradição e vaidade, o mulherio fôra sempre seu grande fraco e, não poucas vêzes, D. Eugênia tinha salgado com lágrimas a sopa do jantar, por conta das leviandades de seu marido.

Possuia, porém, uma bôa qualidade, o Magalhães. Não faltava uma noite em casa, e isso porque uma vez, tendo recolhido depois das duas horas, teve que dormir na escada, porque D. Eugênia lhe respondeu de dentro que não abria a porta a vadios. De sorte que Magalhães, sabendo por experiência que a madeira não é apreciável como colchão, quer chhovesse quer fizesse vento, à uma estava sempre em casa.

D. Eugênia era ciumenta por vocação. E' certo que Magalhães lhe fazia amiudadas partidas, mas mesmo que não fizesse, D. Eugênia não dormia bem enquanto não arranjava uma cena de ciúmes.

Estava-lhe na massa do sangue e por isso, tôdas as noites, havia em casa um sarau de descomposturas que geralmente começava assim:

— Que cheiro que aqui está ! Tu vens perfumado !

— Oh ! Filha ! Eu !?

— Não negues ! Tu estiveste com mulher !

— Naturalmente foi o barbeiro !

— E aí no teu palitó há manchas de pó de arroz.

— Pó de arroz ?

— Sim ! Não negues, que eu, graças a Deus, não sou cega.

— E' cal da parede da escada !

— Da escada, hein ? Da escada dela ?

— Mas qual ela ?!

— A tal, a outra ! A desavergonhada que te põe perfumes ! Ai que infeliz que sou !

E nesta altura D. Eugênia começava a pingar dos olhos.

— Mas ó Genina ! Tu és tonta !

— Deixe-me ! Vá lá para ela ! Ora eu não hei-de acabar com êste inferno ! Sou muito infeliz !

— Mas ó filha, que demônio ! Deixa-me dormir ! Tem piedade de...

— Ah ! Chama-se então Piedade? Pois vá dormir para casa dela ! Que desgraçada que sou !

E a cena durava neste diálogo até às três da manhã, hora em que D. Eugênia, esgotado o depósito das lágrimas, deliberava acabar a sessão, apagar a luz e volter-se para o outro lado.

✧

Magalhães apeou-se do bonde e consultou o relógio:

— Uma e dez ! Mistico ! Onde está o guarda-noturno ?! — e bateu três palmadas.

Depois, outras tantas; depois mais duas frações, completando a dúzia.

De guarda-noturno, nem sinal.

— Mau ! — monologou Magalhães — Querem ver que o cavalheiro só vem se eu lhe fizer uma oração ! — e tornou a bater palmas.

—Já vai — respondeu uma voz, enquanto um vulto aparecia na esquina.

— Muito bôa noite !

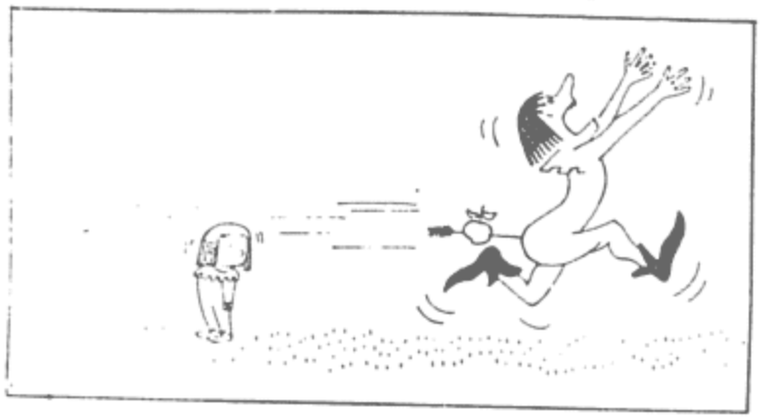
— Adeus, sr. Ernesto !

— Quer o pavio ?

— Não é preciso, muito obrigado !

Magalhães riscou um fósforo, começou subindo a escada e desabotoou o palitó para tirar as chaves do bolso.

De repente Magalhães estaca, o fósforo cai-lhe dos dedos, que vão nervosamente palpar a cintura e, como louco, descendo os degraus a quatro e quatro, começa aos puxões ao fêcho da porta da rua, que não abre nem à mão de Deus Padre.



SEM PALAVRAS

Por fim, a porta cede e Magalhães corre pela rua abaixo monologando.
— "Ora a minha vida ! E agora que já não há bondes !"

Com a falta de iluminação nas ruas, Magalhães mete constantemente os pés em poças de água. Uma família que vem do teatro, vendo-o correr como um doido, comenta:

— Se calhar vai à procura de médico !

— Ou vai chamar alguma parteira !

Mas Magalhães nem ouve. Corre como um gamo, êle que ainda na véspera virara por dois tostões, que uma balança lhe acusava o pêso de noventa e cinco quilos e setecentas, para os quais contribuia, com a parte de leão, sua barriga grande e roliça como trouxa de lavadeira.

— Se eu ao menos encontrasse um trem !

E Magalhães sentia que o coração ameaçava rebentar e que as calças lhe iam caindo, de forma que já tinha a impressão de que as pernas se gastavam pouco a pouco.

— E' fogo ?! E' fogo ?! — gritou-lhe um sujeito que se pôs a correr ao lado dêle — Onde é ? Por isso vi passar os bombeiros !

Magalhães queria falar, mas sentiu que se pronunciasse a mais pequena palavra, o coração aproveitaria o momento para se-lhe safar do peito.

Um outro sujeito gritou do passeio:

— Onde é ? Onde é ?

— Não sei.

— Onde ?

— Não sei ! Êste sujeito é que deve saber !

— Onde é o fogo ?

Magalhães, como resposta, deu um galão mais violento, o que fêz com que as calças lhe descessem mais um palmo.

Agora eram tres figuras que a gente que passava via correndo pelo meio da rua pe aqui, pé ali. Magalhães soprava como uma descarga de vapor e os outros dois, tambem já sentiam que tôda a camada atmosférica era pouca para lhes alimentar os pulmões.

Magalhães dobrou a uma rua escura como breu e enfiou por uma porta.

— E' aqui ? — perguntou um dos que viera às carreiras.

—Mas não estão aqui os bombeiros !

— Se calhar é mentira !

— Mas o sujeito gordo disse que era aqui ?

— Não disse nada ! Eu é que julguei...

Entretanto no segundo andar, Magalhães, tombado sôbre o corrimão, a bôca aberta e o peito em elevações tão grandes que parecia impossível ceberem dentro da escada, batia desesperadamente uma aldraba.

— Zizi ! Luisa !... Sou eu, o Romualdo ! Abre ! Sou eu ! — e estas palavras saiam lhe da bôca como tiradas a saca-rolhas — Valha-me Nossa Senhora ! — e tornou a bater — Zizi ! Sou eu ! Abre !

A cena repetiu-se mais três vêzes, até que, dentro, uma voz feminina falou:

— Quem é ?

— Sou eu ! O Romualdo !

— O Romualdo ?

— Sim ! O'ha ! Dá-me os meus suspensórios que ficaram ai com certeza !

— Os suspensórios ? Vou ver !

O suor, caindo da testa de Magalhães, abria já um pequeno Oceano Pacífico no patamar da escada, quando de dentro soaram passos e a mesma voz feminina acudiu:

— Não estão cá suspensórios nenhus !

— Estão sim ! Com certeza !

— Já procurei ! Não estão !

— Estão sim ! Abre a porta que vou ver !

— Isso não !

— O' Zizi, pela tua saáde !

— Não está cá coisa alguma !

— Abre a porta que eu procuro ! Pela tua saúde, Zizi.

— Não abro, já disse !

— Pela tua bôa sorte !

— Não !

— O' cavalheiro ! — acudiu de repente uma voz grossa de homem, por detrás da porta — Já lhe disse que não estão cá suspensórios nenhuns !

— O' Celso ! — disse a voz feminina — Não te metas na minha vida !

—Quem é ?! E' o teu velho ?! Quero saber !

— Celso, vai-te deitar !

— O' sr. Celso ! — pediu Magalhães — Olhe, são uns suspensórios côr de rosa com pintinhas roxas.

— Sei lá disso !

— Mas...

Magalhães não desmaiou porque as calças tinham caído mais e era indecoroso alguém encontrá-lo com os sentidos e as calças perdidos. Limitou-se a descer novamente a escada e a ver as horas à luz de um fósforo.

— Vinte e cinco para as duas ! A estas horas está tudo fechado ! Como é que hei-de arranjar minha vida ?!

De repente, lembrou-se do Clube. Se estivesse por lá o Amadeu, que tinha uns suspensórios iguais, estava

(Continua na pág. 38)

— Não, Oscar, tenha paciência ! Eu não quero essa poltrona aqui !...

O GRANDE DORMINHOCO

Não resta a menor dúvida de que o brasileiro é supinamente feliz, e essa felicidade decorre, justamente, da ingênua despreocupação do povo diante dos acontecimentos políticos, econômicos e sociais da Nação. Herdámos dos autóctones a modôrra psíquica, a preguiça mental, o gôsto às panacéias. Quatrocentos e cinqüenta e seis anos foram insuficientes para o caldeamento das raças, e o sangue luso, forte e nobre, não conseguiu prevalecer sôbre êsse coquetel racial de branco, negro, índio, caboré e mameluco. Vivemos como os primitivos habitantes: inconseqüentemente. Ainda bem que amamos a paz ou tememos a guerra, o que dá no mesmo. Apenas três coisas arrancam-nos dêsse comodismo: eleições, carnaval e futebol. E há bastante analogia entre elas, convenhamos: préstitos, "mascarados", exibicionismo, comes e bebes após as vitórias, principalmente "bebes". Vivemos o presente sem nos incomodar o futuro, ainda que êsse futuro seja o da Pátria...

Temos diante dos olhos velha revista sôbre o último carnaval: fantasias riquíssimas, bailes grandiosos, bebedeiras, irresponsabilidade. Não atentamos na alta dos preços, isto é, na derrocada do poder aquisitivo da moeda, a inflação tremenda, os desgovernos, a impunidade ou imunidade de que gozam os delapidadores dos dinheiros públicos. Não procuramos ajudar o Brasil no cáos a que se adentra. Temos tendência para os desregramentos, para os gastos nababescos. Aceitamos a política de César e de Montesquieu: "Gastar! Gastar! Gastar! Parcimônia !!! deve ser o grito da hora presente. Parcimônia nas despesas, parcimônia nas atitudes. Não é mais possível permanecer indiferente a êsse estado de coisas, à letargia a que camaràriamente se deteve muita gente, em detrimento da Pátria. Já dormiu demais o gigante das Américas, e nem mesmo o pesadelo de idéias malsãs conseguiu arrancá-lo do sono profundo.

Acordemos a Pátria e presenciemos com ela o alvorecer da redenção.

Que diabo ! Já dormimos 456 anos ! Basta !

J.A.M.

OS ÓCULOS DO DIABO

se mais a manhã. Espreguiçava-se o dia no primeiro bocejo louro, com êsse esquisito branco dourado que há nas telas de Rembrandt. Todo o **spleen** britânico pesava sôbre mim Sôbre Waterloo Bridge, o nevoeiro era algodão... E ao longe, Somerset House parecia envolver-se também na sugestão do "fog" londrino, ou talvez no sortilégio desta visão orquestrada no ritmo das palavras do velho... Um par de namorados perto de mim, ambos contemplando a mudez sacra do Tamisa, mãos dadas, sonhava talvez com viagens longas, mar fora, em lua de mel. Mas a bruma que descia do céu de Londres não transformaria aquêle idílio num simples **flirt**, como transforma as sêdes de ideal na ambição dum "uisque and soda" ?

O velho afastou-se. Vi-o desaparece com o seu cabaz às costas. Dir-se-ia que se arrastava como um gigantesco caranguejo — sôbre o qual, dum momento para outro, iriam passar as rodas dos "cabs"...

BOX DE AMADORES

— Vem daí comigo; vamos ao boxe de amadores ! Se nunca viste, aposto que vais gostar !

Tal convite foi-me dirigido por Luís Vilela, ao encontrarmo-nos uma noite destas, ali por altura do Clube de Engenharia, na Avenida.

— Não gosto dêsse espetáculo. Enervar-me-á, certamente, tal espetáculo. Sou de natureza pacífica e revolta-me ver socar o próximo sem que haja razão forte para isso !..'

— Mas é uma bela demonstração desportiva, meu caro ! Direi mesmo, uma sessão de arte ! — insistiu êle — O desporto honra quem o pratica e dignifica quem o compreende !... Vê tu, por exemplo, que os próprios inglêses, tão escrupulosos nas suas definições, chamam ao boxe, precisamente a "nobre arte" !

E foi demovido por êste e outros argumentos semelhantes que nessa noite me encontrei, sem saber como, assistindo com o Vilela, a um torneio de boxe entre amadores, para apuramento dos campeões das várias categorias.

Boxe entre amadores. Eis uma bela demonstração artística... cuja recordação ainda nos faz rir com vontade. Mas expliquemos:

Para todos os "boxeurs" que ali se hão-de defrontar valorosamente na conquista do ambicionado título, a Emprêsa possui apenas dois pares de sapatos e dois calções. Ora, como fàcilmente se conclui, os mesmos sapatos que hão-de ser usados durante o combate por Pedro e Paulo, candidatos ao título de "pesados", respectivamente de 112 e 117 quilos, terão de servir também para Francisco e Antônio, que pertencem aos "meios-leves" e pesam 59 e 61 quilos.

Surgem pois no ringue o Pedro, 112 quilos, e Paulo, 117 quilos.

Soa o gongo e os dois "boxeurs", a convite do árbitro, aproximam-se e encostam luvas, cumprimentando-se. Aquêle afasta-se um pouco e dá sinal para começarem a socar-se.

Ambos erguem os braços carnudos, pondo-se em guarda. Receosos um do outro, cada qual estuda a melhor forma de atingir o adversário sem ser tocado. E assim vão prolongando indefinidamente aquêle "meticuloso estudo"... a fazerem caretas e dando saltinhos fora de propósito, até que surge o final do 'round", dois minutos — tempo da praxe para amadores — e cada qual dirige-se ao seu canto, ambos cansadíssimos, extenuados, devido sobretudo à incômoda posição em que mantiveram os braços durante aqueles 120 segundos...

Têm um minuto de descanso. E outro "round" se segue; e mais outro. Os dois contendores continuam de luvas à altura do rosto, estudando-se mutuamente... enquanto a multidão, ao redor, vai galhofando do seu cômico receio. E, no decorrer do "estudo" mútuo, alguém repara que, devido à corpulência de Paulo (117 quilos), a costura do calção dêste, pelo lado de trás, vai abrindo gradualmente a cada salto do "boxeur"...

Ante tal surprêsa, um dos espectadores mais próximos comenta com seriedade: "Vejam aquilo ! Se o calção rebenta de vez "o espetáculo será suspenso por motivo de fôrça maior... não sendo a Emprêsa obrigada a restituir a importância dos bilhetes" ! Oxalá que um dêles acabe depressa, senão, ficam por aqui as eliminatórias, por falta de indumentária !...".

Até que ao 5.º assalto, sem que quase se tenham tocado, um cansaço tão grande os invade que, à falta de fôlego para mais... desistem ! O combate é dado por nulo.

Vêm depois ao ringue um João e um Luís quaisquer, que pertencem à categoria dos "médios". Cumprimentos; recomendações habituais; e começa o combate.

Acontece aqui, porém, que o tal Luís, de 71 quilos bem pesados, sem a menor noção do que seja boxe mas cheio de jinga, mal se aproxima do adversário dá dois pulos e joga-lhe um murro sob o queixo. O outro, que devido à pressa com que teve de se equipar, não pôde apertar devidamente aquelas enormes sapatilhas que servem a todos, ao receber o inesperado sôco, salta de dentro dos sapatos, como se fôra uma rolha de champanha...

Então corre, desorientado, e, num momento, baixa-se para se calçar novamente. O adversário, ao vê-lo naquela posição, cresce para êle outra vez e descarrega-lhe uma saravaida de socos no rosto. O atingido, que não esperava uma surprêsa assim, pressente que houve traição. Esquecendo-se do local onde se encontrava, finta o rival, range o dente e joga-lhe, furioso, uma cabeçada ao peito. Há em seguida cenas mistas de boxe e luta livre, acabando ambos aos pontapés um ao outro.

São desclassificados.

Seguem-se o Francisco e o Antônio, da categoria dos "meios-leves".

Começado o combate, os espectadores sofrem 3 ou 4 "rounds" de autêntica brincadeira, que nem a garotos de escola se admitiria. Até que, ao 5.º assalto, Francisco, incitado pela gritaria da multidão à sua volta, decide atirar-se ao adversário. Num repente ganha alma e atinge-o forte com dois socos no rosto. O pobre "boxeur" de 59 quilos, que traz vestidos aqueles enormes calções que foram envergados pelo seu antecessor de 112 quilos, sente que a lei da gravidade atua já sôbre a indumentária, e baixa as mãos para puxar acima os fugidos calções...

Desta forma, abre-se tanto em frente do rival, que êste, aproveitando a deixa, descarrega-lhe um poderoso sôco no nariz, e uma onda de sangue começa a invadir-lhe o rosto. Então o infeliz perde definitivamente a calma e, sem querer saber de mais nada, atira-se para o tapete e desata a chorar num berreiro ensurdecedor...

.....

Neste instante um dos assistentes, que estava junto de nós, pôs-se a lamentar o rapaz:

— Pobre moço; coitado ! E pensar a gente que êle acaba por ser ferido daquela maneira, sem ganhar nada !...

— Ganha, ganha, meu caro senhor ! — elucida Luís Vilela, com ares de conhecedor do assunto.

— Ah, sim ? — admira-se o homem — E que ganha êle ?

— Ganha juízo e nunca mais aqui põe os pés !!...

28-7-1956

O HOMEM QUE PERDEU OS SUSPENSÓRIOS

salvo. E vá, de nova carreira para o Clube, onde entrou passados dez minutos suando e bufando como um bufalo que transpire bastante e bufe muito razoàvelmente.

— O Amadeu está? — perguntou ao porteiro, pondo a mão no peito, para que o coração não desse um estalo.

— Não sei, senhor Magalhães!

Magalhães galgou a escada e entrou na primeira sala:

— O Amadeu?!

— Que é isso, homem? — disse-lhe Fernandes — Há alguma novidade?

— Aconteceu alguma desgraça? — perguntou Lopes.

—O Amadeu? — só pôde dizer Magalhães, perdendo quase por completo o equilibiro.

— Mas, descansa, Magalhães! Que demônio te sucedeu?!

— O Amadeu? — disse a custo Magalhães, olhando, apavorado, o relógio, que marcava duas menos doze.

— Sucedeu alguma coisa em tua casa? — perguntou Lopes — Toma um copo dágua.

— O Amadeu? Pela vossa sorte!

— Chamem lá o Amadeu! O' Amadeu! O' Amadeu! Se calhar, já saiu!

— Saiu? gaguejou Magalhães, enquanto os olhos tentavam uma evasão das órbitas.

— Estou perdido! — gritou Magalhães num último arranco e deixando-se cair completamente sôbre o sobrado.

— Mas que foi isto? — perguntou um sujeito de lunetas.

— O Magalhães está farto de chamar por ti!

Magalhães, ao ouvir a voz do sujeito de lunetas tinha-se levantado num pulo.

— Queres alguma coisa, Magalhães?

— Sim. — E Magalhães, nervosamente, desabotoou-lhe o colete — Perdi os suspensórios! Empresta-me os teus, senão minha mulher...

— Uma gargalhada geral rebentou, mas Magalhães, sem se desconcertar, continuou a puxar os suspensórios de Amadeu.

— Homem, por isso não. Toma-os lá.

— Tenho oito minutos para estar em casa! — disse Magalhães enquanto punha os suspensórios.

— Tenho lá em baixo o automóvel — gritou Lopes — Levo-te à casa num instante.

E cinco minutos depois Magalhães metia a chave na fechadura da porta, admirado de se ter salvo daquela situação.

Dona Eugênia, ainda de pé, quando o viu entrar com sinais de grande comoção, perguntou-lhe:

— Aconteceu-te alguma coisa?!

— Não me tenho sentido bem! Ando há dias com umas perturbações! Hoje até me esqueci de falar com uns amigos e...

— E até te esqueceste de tirar os suspensórios, quando pela manhã mudaste de calças! Olha; estão ali em cima da cadeira!

Magalhães ficou como se tivesse apanhado cinco tiros em pleno estômago. Olhou. Em cima da cadeira lá estavam os suspensórios côr de rosa com pintinhas roxas!

Sentiu a garganta sêca, dirigiu-se à cozinha e, depois de ter bebido um copo dágua, que lhe acalmou as fúrias intestinais, abriu de par em par a janela das traseiras do prédio e respirou com fôrça.

No dia seguinte, uma velhota que tinha um quintal na parte de trás do prédio onde morava Magalhães, ficou muito admirada de encontrar, na capoeira das galinhas, uns suspensórios côr de rosa com pintinhas roxas...

RONDÔNIA

E' o seguinte o art. 10 da lei 2.731, de 17 de fevereiro de 1956:

"E' mudada a denominação de Território Federal de Guaporé para Território Federal de Rondônia."

Fêz o govêrno brasileiro, sancionando essa lei, ato de lídima justiça. Justa, muito justa, a denominação de um território em homenagem ao bravo Mal. Rondon. A êsse heróico sertanista, hoje em provecta idade, tôdas as honras são devidas.

Bandeirante e jesuíta do século XX, êle percorreu o âmago das florestas, não para descobrir ouro e arrebanhar índios, mas para levar ao gentio, ao legítimo brasileiro, auxílio, remédio e civilização. Êle se entendia com os selvagens, não sòmente pelo Tupí, mas pelo dialeto da fraternidade e do amor ao próximo, tão pouco empregado pelos povos. Penetrou nessa Pátria, da qual apenas conhecemos o borborinho das cidades... Atravessou paúis, contornou cordilheiras, vadeou rios, palmilhou áreas de mamadríades e levou ao pararoara do Ceará, o catecismo de brasilidade; ao jagunço de Goiás, a grandeza do amor fraternal, e ao xavante do Roncador, a paz e a proteção.

O militar heróico, que também participou de batalhas, jamais in-

CALVOS

Recuperarão seus cabelos sem Pomadas, nem Oleos, Petróleos ou Quinas. Pagamento depois dos resultados. Peçam prospectos gratis à Ind. Tonico capilar KIN-KIN Ltda. — Rua Conde de Irajá, 153 — Botafogo — Caixa Postal 245, Copacabana — Tel. 26-5698 — Rio de Janeiro.

vadiu os meandros da política, da qual apenas os civis deveriam conhecer as manhas e patranhas. Preferiu o convívio do índio à hipocrisia do branco. Aceitou a picada de venenosos insetos e répteis, por certo menos perigosa do que a dos homens.

Instalou seu quartel general no seio da mata e aguardou, em vão, os batalhões da civilização e o auxílio para combater as doenças e a miséria dos autóctones...

Brasil selvícola ! Tribo de sem-vergonhas e especuladores, ajoelha aos pés dêsse velho pagé e beija, chorando, as mãos do soldado-índio !

J.A.M.

—— ✧ ——

O SEGRÊDO DA PLÁSTICA DE SOFIA LOREN

A fascinante "estrela" teve ascensão vertiginosa, devida principalmente ao corpo maravilhoso que Deus lhe deu. Suas formas perturbadoras, entretanto, ela as devia a artimanhas — acaba de ser revelado. Suas preciosas curvas não são tão perfeitas quanto se julga. Convém, portando, prestar-lhes maior atenção.

No início de sua carreira, Sofia Loren usava ùnicamente toiletes saidas das oficinas do costureiro napolitano Júlio Galateri. Com o correr do tempo, entretanto, ela foi infiel ao seu modelador e começou a vestir-se em outros costureiros, notadamente Emilia Schubert. Daí, naturalmente, a grande cólera de Júlio Galateri, que recordou à artista suas promessas. Mas a encantadora criatura, certa de seu retumbante êxito, mandou-o passear...

— Os vestidos de Galateri — disse — já não me agradam.

Aí surgiu o "caso". O napolitano revelou, então, que era o único a poder vestir a "estrela", conservando-lhe as formas, porque havia criado para ela exclusivamente modelos que lhe corrigiam os defeitos do corpo, diminuindo algumas "protuberâncias" e enchendo algumas "depressões", que davam logo na vista depois que ela deixou de vestir-se exclusivamente com êle...

Para desmentir o costureiro desprezado, a bela Sofia Loren terá de seguir o exemplo de Friné. Ela o fará ? Diante de qual areópago ? Que pensará disso Gina Lollobrigida ?

AS RAINHAS DE BELEZA SÃO PÉSSIMAS ESPÔSAS

— Não se case com rainha de beleza ! — E' o conselho decidido dado a seus compatriotas (e aos estrangeiros) pelo honrado cidadão residente num subúrbio de Londres, sr. Frank Chimes, marido (ainda por algum tempo) de linda jovem, vitoriosa no ano passado no concurso que designou "Miss Inglaterra".

Frank Chimes — convém esclarecer — é um pouco responsável pela sua infelicidade conjugal.

— Os primeiros tempos do nosso casamento foram felizes — declarou — mas não podia ver sem tristeza Jenifer amarrar o avental na cintura para lavar a louça. Ela era demasiado linda ! Merecia mais do que isso...

Frank não fêz objeção, pelo contrário, quando Jenifer foi apontada para figurar entre as candidatas ao concurso de beleza que lhe daria o título de "Miss Inglaterra" e a importância de 1000 libras esterlinas.

Em seguida a bela Jenifer perdeu a cabeça. Queria tornar-se artista, ver seu nome brilhar em letras de luz no frontispício dos teatros e *music-halls*... Max Wall resolveu ajudá-la. Ator conhecido, fêz parte do júri que a coroou. Levou-a a um professor de canto e fêz-lhe a côrte. Tinha quarenta e oito anos de idade, Jenifer vinte e um, mas o amor é cego...

Ela, atualmente, já abandonou o domicílio conjugal, levando os dois filhos: o pequeno Martin, de quatro anos de idade, e Júlia, de dezoito meses. Aguarda em uma chácara do Sussex o julgamento do divórcio, que lhe permitirá casar-se com Max Wall.

Enquanto isso, Frank Chimes, completamente desiludido da vida, confia suas mágoas aos jornalistas e lança à meditação dos homens êste conselho: "Não se case com rainha de beleza !"

POMADA
MINANCORA
NUNCA EXISTIU IGUAL
PARA FERIDAS,
ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES,
COCEIRAS,
FRIEIRAS,
ESPINHAS, ETC.

Com a palavra NOSSOS LEITORES

Ilustre sr. Redator.

Dentre os absurdos cometidos, ou em perspectiva, pelos atuais poderes públicos, sobressaem dois: A indenização pleiteada pelo Estado do Amazonas, sôbre o Território do Acre, quando é sabido que êsse território pertencia à Bolívia, assim reconhecido pelo Brasil no Tratado de Petrópolis, de 1903, após a invasão comandada por Plácido de Castro.

O grande Barão do Rio Branco, dignificando a atitude do Brasil, não só recompensou a vizinha república com outras nesgas territoriais e a construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré, como lhe pagou dois milhões de libras esterlinas. Será possível que não haja na Câmara um deputado que mostre o absurdo dessa indenização pleiteada pelos políticos amazonenses? Arranjem outro pretexto para sugar os cofres federais, como o têm feito não só aquêle Estado como tantos outros, parecendo até que quase tôdas as despezas estaduais correm por conta das emissões a jato contínuo de cruzeiros. Hoje todos os Estados têm Universidades subsidiadas pela União e, dentro em pouco, haverá no Brasil mais doutores do que analfabetos!

Outro caso absurdo é o concurso promovido pelo DASP para aumentar o número de funcionários, no momento em que JK diz que não nomeará mais ninguém... Nesse concurso as provas escritas poderão ser enviadas *por correspondência!...* Que tal? O concorrente mandará fazer a prova por outro e a assinará, enviando para o DASP pelo correio!... Fica assim consagrada, oficialmente, a *cola*...

Sem mais, isto é, até a próxima, porque assuntos como estes são em profusão.

Constante leitor e admirador,

A. P. Rodrigues

Se as mulheres pudessem escrever romances fariam pequenos capítulos. O fôlego das mulheres é curto como o das galinhas...

✧

No livro da vida, o amor é um capítulo que vai perdendo o interesse à medida que se alonga. Em amor, o conto breve e incisivo é a melhor maneira de causar sensação e de evitar o tédio das leituras longas...

✧

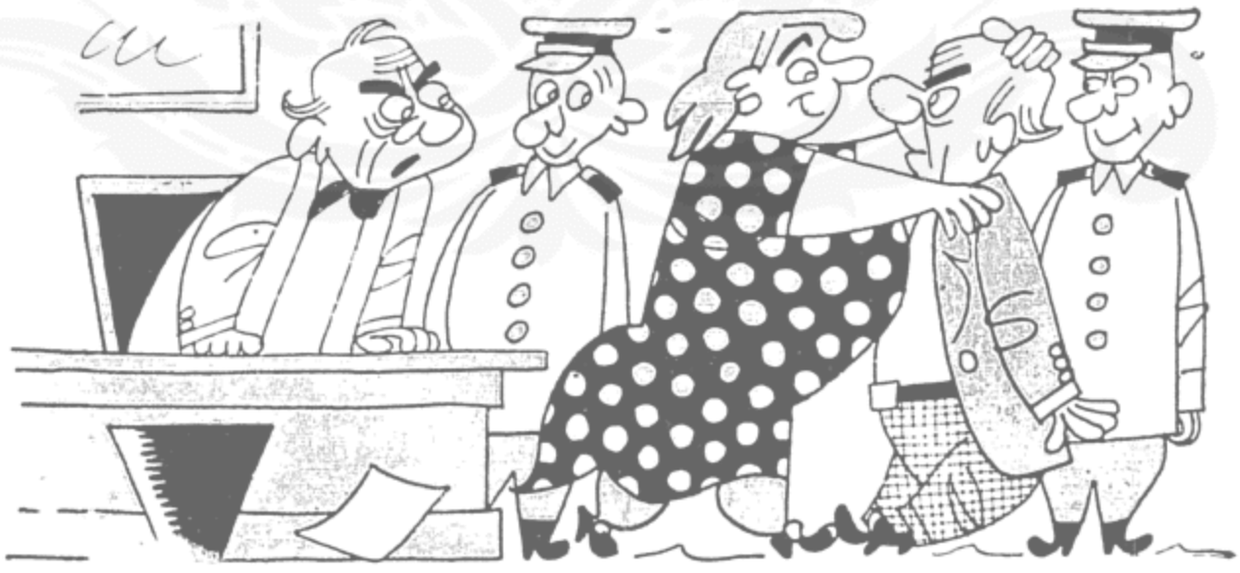
A reticência, ou é um colapso do talento entre os dois momentos de inspiração, ou é um convite ao leitor para ser malicioso...

✧

A felicidade é o capítulo perfeito, o **momento culminante** do livro, que deixamos para escrever um dia e que morremos sem nunca ter escrito...

✧

Reconhecimento



— Foi êsse indivíduo que pretendeu atentar contra sua honra, minha senhora? !

— Foi êsse mesmo, **seu** delegado!

Careta

na batida do SAMBA

UM PROGRAMA-
SENSAÇÃO DA

RÁDIO MAYRINK VEIGA

PRODUÇÃO DE
SÉRGIO PORTO

ÀS TERÇAS FEIRAS
DAS 20 HORAS
EM DIANTE

•

patrocínio dos
APARELHOS DOMÉSTICOS
"ARNO"

DV PRA 9

Careta

ENCONTRA-SE À VENDA
nas principais bancas de jornais e revistas de todo o país, ao preço de Cr$ 4,00

AGENTE GERAL PARA O BRASIL
FERNANDO CHINAGLIA DISTRIBUIDORA S. A.
Av. Pres. Vargas, 502, 19.º and.
Rio de Janeiro
Tel. 43-6161

NOS ESTADOS E TERRITÓRIOS
TERRITÓRIO DO GUAPORÉ: Livraria Violeta, Cruz & Cia. (Pôrto Velho).
AMAZONAS: Livraria Escolar Ltda., Rua Henrique Martins, 177/181 (Manáus).
PARÁ: Albano H. Martins & Cia., Trav. Campos Sales, 85/89, (Belém).
MARANHÃO: Ramos d'Almeida, Praça João Lisboa, 114, (São Luís).
PIAUÍ: Cláudio Moura Tote, Rua Coelho Rodrigues, 1189, (Teresina.)
CEARÁ: J. Alaor de Albuquerque & Cia., Praça do Ferreira, 621, (Fortaleza).
RIO GRANDE DO NORTE: Luís Romão, Av. Tavares de Lira, 48 (Natal).
PARAÍBA: S. A. Luna, Rua do Riachuelo, 266, (João Pessoa).
PERNAMBUCO: Joel Moura, Rua da Matriz, 121, (Recife).
ALAGOAS: Distribuidora de Jornais e Revistas Ltda., Rua da Bôa Vista, 111 (Maceió).
SERGIPE: Livraria Regina Ltda., Rua João Pessoa, 137, (Aracaju).
BAHIA: Distribuidora de Revistas, Sousa, Ltda., Rua Saldanha da Gama, 6, (Salvador).
MINAS GERAIS: Soc. Distribuidora de Jornais e Revistas Ltda., Av. Andradas, 280, (Belo Horizonte).
ESPÍRITO SANTO: Alfredo Copolillo, Rua Jerônimo Monteiro, 361, (Vitória).
SÃO PAULO: Distribuidora de Jornais e Revistas, A Intelectual S. A., Avenida Casper Líbero, 36 — 3.º and., salas 307/8, (São Paulo)
PARANÁ: J. Ghignone & Cia. Ltda. Rua 15 de Novembro, 423, (Curitiba).
SANTA CATARINA: Arthur Beck, Caixa Postal 130, (Florianópolis).
RIO GRANDE DO SUL: Salvador La Porta, Rua 7 de Setembro, 723, (Porto Alegre).
MATO GROSSO: R. Carvalho & Cia., Praça da República, 20, (Cuiabá).
GOIÁS: Agrício Braga, Av. Anhanguera, 78, (Goiânia).

TEMOS EM TÔDAS AS GRANDES CIDADES DOS ESTADOS, SUB-AGENTES ENCARREGADOS DE NOSSA DISTRIBUIÇÃO

FILANTROPIA ELEGANTE

ALGUNS jornais, ou melhor, alguns jornalistas, costumam fazer censuras à alta sociedade carioca, dizendo-a descaridosa e egoísta. Segundo esses censores, a caridade cristã só se manifesta entre nós ou por interesse, ou por vaidade. E apontam, então, como prova, os movimentos generosos em favor dos órfãos da Mandchúria e em proveito das vítimas da inundação do rio Xurujiytiock, no Afganistão, quando há, em nosso próprio país, milhares de pessoas morrendo à fome.

Essas observações, como se

pode imaginar, são puramente graciosas. As nossas patrícias das altas rodas sociais possuem, tôdas, um coração compadecido, uma noção perfeita, exata, completa, das necessidades da pobreza, ao lado de um desejo enorme e sincero de remediá-las. E' possível, mesmo, que, se a direção do país estivesse nas mãos das mulheres, e não nas dos homens, não houvesse mais famintos no Ceará nem milhares de brasileiros sem teto nas sertanias devastadas pelas inundações.

Dêsse interesse carinhoso eu tive a demonstração, um dêstes dias, no Clube dos Diários, na festa em benefício dos flagelados do Norte, promovida pelo Centro Acadêmico Nacionalista. Em uma das mesas melhor guarnecidas, estávamos eu, o sr. deputado Ildefonso Albano e a sra. Baronesa do Andarai, tão conhecida em todo o Brasil pelos seus atos filantrópicos. Em palestra animada, conversávamos sôbre os indigentes da Guiné e sôbre umas crianças que perderam o pai e a mãe, e estão sem recursos no oásis de Sidalá, no Saara, quando, casualmente, nos veio à lembrança e à conversa, também, a sêca do Ceará.

— É certo, mesmo, doutor, que há gente morrendo de fome no seu Estado ?

— E', minha senhora, é certo — informou o dr. Albano; — e não só de fome como de sêde; a falta de água é absoluta.

— Que horror ! — gemeu a piedosa senhora, juntando as mãos faiscantes de anéis; — que horror ! E que é preciso para que isso acabe, doutor ?

— Água, sra. Baronesa, água, simplesmente !

E por que o Govêrno não toma essa providência, levando água àquela gente ?

— Porque é difícil. — continuou o ilustre informante, — é muito difícil; os rios, lá, ficam todos sêcos, e os grandes rios dos outros Estados ficam muito longe.

A baronesa enfiou na face branca o indicador da mão esquerda, meditou alguns minutos, procurando solução para tanto infortúnio, até que, afinal, o encontrou:

— E água mineral, doutor: por que o Govêrno não manda água mineral para matar a sêde daqueles infelizes ?

E, unindo a ação ao pensamento, pôs à disposição do dr. Albano, para que as envie aos flagelados do Ceará, seis garrafinhas de Caxambu...

UM SHOW DE TV
como ainda não se fêz no Brasil!

TODAS
AS
SEXTAS FEIRAS
AS
20,30 HORAS

cassiomuniz follies

UMA revista completa
reunindo musica belas figuras
femininas comicidade,
bailados e atrações especiais
– atuando todo o grande "cast" da
Organização Victor Costa
e os nomes mais expressivos
do elenco do produtor
Carlos Machado.

Uma nova grande iniciativa de

CASSIO MUNIZ S/A

Rua Senador Dantas, 74

APRESENTAÇÃO DA

ORGANIZAÇÃO VICTOR COSTA **TV-RIO-canal 13**

CONTRA

TOSSE GRIPE
RESFRIADO
BRONQUITE
ASMÁTICA
IRRITAÇÕES DA
LARINGE

XAROPE DE AGRIÃO COMPOSTO